



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
CONTEMPORANEIDADE (PPGEDUC)**



GERSANIA ALEXANDRINA CONCEIÇÃO

**“QUAL A PARTE QUE TE CABE DESTE LATIFÚNDIO?”
Estratégias de Acesso e Permanência das Cotistas em cursos
Majoritariamente Masculinos e/ou Excludentes para Mulheres Negras,
ofertados na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus I,
Salvador/BA**

SALVADOR, BA
2020

GERSANIA ALEXANDRINA CONCEIÇÃO

**“QUAL A PARTE QUE TE CABE DESTE LATIFÚNDIO?”
Estratégias de Acesso e Permanência das Cotistas em cursos
Majoritariamente Masculinos e/ou Excludentes para Mulheres Negras,
ofertados na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus I,
Salvador/BA**

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEDUC, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestra em Educação e Contemporaneidade, sob a orientação da professora Dr^a. Delcele Mascarenhas Queiroz.

SALVADOR, BA
2020

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Dados fornecidos pelo autor

CONCEIÇÃO, GERSANIA ALEXANDRINA

QUAL A PARTE QUE TE CABE DESTE LATIFÚNDIO? :
Estratégias de Acesso e Permanência das Cotistas em cursos
Majoritariamente Masculinos e/ou Excludentes para Mulheres Negras,
ofertados na Universidade do Estado da Bahia UNEB, Campus I,
Salvador/BA / GERSANIA ALEXANDRINA CONCEIÇÃO.-- Salvador,
2020.

74 fs.

Orientador(a): Delcele Mascarenhas Queiroz.

Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade do Estado da
Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em
Educação e Contemporaneidade - PPGEDUC, Câmpus I. 2020.

1.Mulheres Negras Cotistas. . 2.Empoderamento Feminino. .
3.Ações Afirmativas. UNEB.. 4.Acesso e Permanência em cursos de
prestígio..

CDD: 011

FOLHA DE APROVAÇÃO

QUAL A PARTE QUE TE CABE DESTA LATIFÚNDIO? "ESTRATÉGIA DE ACESSO E PERMANÊNCIA DAS COTISTAS EM CURSOS MAJORITARIAMENTE MASCULINOS E/OU EXCLUDENTES PARA MULHERES NEGRAS, OFERTADOS NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB, CAMPUS I, SALVADOR/BA

GERSANIA ALEXANDRINA CONCEIÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, em 18 de setembro de 2020, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:



Profa. Dra. Delcele Mascarenhas Queiroz
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil



Profa. Dra. Sandra Maria Marinho Siqueira
Universidade Federal da Bahia - UFBA
Doutorado em Educação
Universidade Federal do Ceará, UFC, Brasil



Profa. Dra. Claudia Pons Cardoso
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil



Prof. Dr. Raphael Rodrigues Vieira Filho
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em História do Brasil
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil

Dedico a todas as mulheres negras e cotistas como eu e, principalmente, à minha mãe Lina Maria Alexandrina Conceição, *in memoriam*, a meu irmão Antônio Paulo Alexandrino Conceição, *in memoriam*, e a meu pai Zeferino Costa Conceição, lavrador que me educou com o exemplo de sua honestidade e trabalho.

Agradecimento

Agradeço aos queridos amigos/as e Professores/as Márcea Andrade Sales, Marcos Luciano Lopes Messeder e Ana Lúcia Gomes pelo incentivo, encorajamento, carinho e exemplo. Agradeço a Daniele Santana Santos pela partilha de saberes. Agradeço à PROGRAD e a toda Equipe PIBID e RP UNEB pelo apoio e compreensão a mim dedicados, em especial às Professoras/es Eliene Maria, Monalisa Reis Aguiar Pereira, Ubiratan Azevedo de Menezes, Diana Tigre e demais colegas. Agradeço ao meu querido amigo Reginaldo Carvalho pelo exemplo, amizade, carinho e torcida, sem ele eu não estaria aqui hoje. Agradeço também ao meu grande amigo Claudio de Jesus, que sempre me acolheu em momentos difíceis com toda a sua amorosidade e carinho. Agradeço aos meus grandes parceiros/as, desde a graduação, Marcos Machado, Estela Maria, Liliane de Jesus, Thatiane Medrado, Laís Cristina, Nivalda e Cláudio Santos pelo afeto, por suas críticas, seus gracejos e bons votos. Agradeço a Profa. Cristiana Lyrio e Bruna Pamponet pela amizade, carinho e direcionamentos. Agradeço a Galiano, Luise e ao Professor Alan Sampaio que, mesmo sem me conhecer pessoalmente, foram muito sensíveis e solícitos ao me auxiliarem no contato com as depoentes desta pesquisa, depoentes essas que agradeço, imensamente, por partilhar conosco suas vivências, na certeza de que sem elas a conclusão desse trabalho não seria possível. Agradeço a todos/as os/as minhas colegas de mestrado por, em muitos casos, servirem de nutrição para que eu continuasse nessa árdua e prazerosa empreitada, em especial a minha querida Léa – Aurelieuza e Aninha - Ana Carla. Agradeço também a todos e todas os/as funcionários/as do PPGEDUC pelo profissionalismo e acolhida, estendo esses agradecimentos aos meninos e meninas da manutenção (limpeza), portaria e segurança, que, no geral, eram os primeiros a me receber sempre com educação e um sorriso estampado no rosto, independente da tempestade que caia lá fora, jamais os esquecerei. Agradeço a minha família, pois cada um a seu modo contribuiu para que eu buscasse aprimorar os meus conhecimentos, sobretudo, agradeço ao meu pai Zeferino Costa Conceição pelo seu exemplo de trabalho, honestidade e simplicidade, a minha mãe Lina Maria Alexandrina Conceição, *in memoriam*, por todas as lembranças boas que ainda hoje carrego comigo. Agradeço a todos/as os/as professores/as por contribuírem com o meu crescimento acadêmico e pessoal. Agradeço, imensamente, à minha Orientadora Profa. Dra. Delcele Mascarenhas Queiroz, por sua confiança, disponibilidade, atenção, parceria, carinho e serenidade, estendo ainda, os meus agradecimentos a todos os Membros da Banca Examinadora, nas pessoas do/a Prof/a. Dr/a. Cláudia Pons Cardoso, Raphael Rodrigues Vieira Filho e Sandra Maria Marinho Siqueira. E por último, mas não menos importante, agradeço a todos os Deuses, Anjos, Encantados, Bons Espíritos, Guias e Orixás que me protegem e iluminam meus caminhos, pois sem Eles, nada disso seria possível.

“Somos seres humanos como os demais, com diversas visões políticas e ideológicas. Eu, por exemplo, entre esquerda e direita, continuo sendo preta.”

Sueli Carneiro

CONCEIÇÃO, Gersania Alexandrina. **“QUAL A PARTE QUE TE CABE DESTE LATIFÚNDIO?” Estratégias de Acesso e Permanência das Cotistas em cursos Majoritariamente Masculinos e/ou Excludentes para Mulheres Negras, ofertados na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus I, Salvador/BA.** 074 f. il. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduc), Universidade do Estado da Bahia, Salvador-BA, 2020

Resumo

Essa pesquisa versa sobre as estratégias utilizadas por mulheres negras cotistas para acesso e permanência em cursos majoritariamente masculinos e/ou excludentes para mulheres negras. O lócus dessa pesquisa é o Campus I, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Salvador. Essa instituição foi escolhida por ter sido uma das primeiras no Brasil a aderir ao sistema de cotas, o que culmina em um número significativo de cotistas em seus cursos. A escolha pelo Campus I se deu devido à centralidade do Campus e ao considerável número de cursos ofertados neste, considerando, ainda, a multicampia da Instituição, o que dificultaria a realização da pesquisa em mais de um Campus. Assim, esse estudo investigativo se reveste de uma importância ainda maior nos âmbitos acadêmico, político e social, considerando o seu caráter desafiador, já que o objetivo geral é investigar quais as estratégias adotadas pelas mulheres negras cotistas para acesso e permanência em cursos de prestígio, majoritariamente masculinos. E específicos 1. Identificar o universo de cotistas nos cursos ofertados no Campus I, UNEB/Salvador; 2. Mapear a presença de mulheres e homens negros/as por curso; 3. Identificar as estratégias utilizadas pelas mulheres para acesso e permanência em cursos de prestígio, majoritariamente masculinos. Para realizar a pesquisa foi feito um recorte temporal, levantando junto à Secretaria Geral de Cursos (SGC/UNEB), o número de cotistas pretos e pretas que ingressaram na instituição, após aprovação em Vestibular e Sistema de Seleção Unificada (SISU), no período de 2014.1 até 2018.1. O arcabouço teórico foi composto a partir das contribuições de Marcia Tiburi; Djamila Ribeiro; Nicole-Claude Mathieu; Carlinda Santos; Delcele Queiroz; Antonio da Costa Ciampa; Pierre Bourdieu; Alain Coulon, dentre outros. Após tratamento dos dados, foram identificados 09 (nove) cursos em um Universo de 25 (vinte e cinco), dos quais coletamos entrevista semiestruturada de 09 (nove) estudantes distribuídas em 05 (cinco) cursos diferentes distribuídos nos 04 (quatro) Departamentos da UNEB/Campus I, a saber, Design, Ciências Contábeis, Direito, Medicina e Filosofia. Como resultados alcançados a pesquisa destacou a criatividade das entrevistadas para buscar mecanismos gratuitos que auxiliassem seus estudos no período que antecedeu o ingresso à universidade, bem como a importância do fortalecimento de suas identidades nos momentos conflituosos vividos, dando destaque para o empoderamento coletivo e o diálogo.

Palavras-chave: Mulheres Negras Cotistas. Empoderamento Feminino. Ações Afirmativas. UNEB. Acesso e Permanência em cursos de prestígio.

CONCEIÇÃO, Gersania Alexandrina. “QUAL A PARTE QUE TE CABE DESTE LATIFÚNDIO?” Estratégias de Acesso e Permanência das Cotistas em cursos Majoritariamente Masculinos e/ou Excludentes para Mulheres Negras, ofertados na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus I, Salvador/BA. 074 f. il. Dissertação de Mestrado – Programa De Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduc), Universidade do Estado da Bahia, Salvador-BA, 2019.

Abstract

This research deals with the strategies used by black quota women to access and stay in mostly male and / or exclusive courses for black women. The locus of this research is Campus I, from the State University of Bahia - UNEB, Salvador. This institution was chosen because it was one of the first in Brazil to adhere to the quota system, which culminates in a significant number of quota students in its courses. The choice for Campus I was due to the centrality of the Campus and the considerable number of courses offered in it, also considering the multi-campus of the Institution, which would make it difficult to conduct research in more than one Campus. Thus, this investigative study is of even greater importance in the academic, political and social spheres, considering its challenging nature, since the general objective is to investigate which strategies adopted by black quota women for access and permanence in prestigious courses, mostly male. Specifics 1. Identify the universe of quota holders in the courses offered at Campus I, UNEB / Salvador; 2. Map the presence of black women and men per course; 3. Identify the strategies used by women to access and stay in prestigious courses, mostly male. In order to carry out the research, a temporal cut was made, raising with the General Courses Secretariat (SGC / UNEB), the number of black and black quota holders who entered the institution, after approval in the entrance exam and the Unified Selection System (SISU), in the period from 2014.1 to 2018.1. The theoretical framework was composed from the contributions of Michelle Perrot; Marcia Tiburi; Djamila Ribeiro; Nicole-Claude Mathieu; Carlinda Santos; Delcele Queiroz; Antonio da Costa Ciampa; Pierre Bourdieu, Alain Coulon, among others. After processing the data, 09 (nine) courses were identified in a Universe of 25 (twenty-five), from which we collected semi-structured interviews from 09 (nine) students distributed in 05 (five) different courses distributed in the 04 (four) Departments of UNEB / Campus I, namely Design, Accounting, Law, Medicine and Philosophy. As results achieved, the research highlighted the creativity of the interviewees to seek free mechanisms to assist their studies in the period prior to entering university, as well as the importance of strengthening their identities in the conflicted moments experienced, highlighting collective empowerment and dialogue.

Keywords: Cotista Black Women. Female Empowerment. Affirmative Actions. UNEB. Access and Permanence in prestigious courses.

Lista de gráficos e quadros

Gráfico 01 - Distribuição dos cotistas ingressantes na Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus I Salvador nos vestibulares 2014.1 até 2018.1.	34
Gráfico 02 - Distribuição de cotistas por Departamento no Campus I - UNEB/Salvador.	35
Gráfico 03 - Distribuição dos/as cotistas alocados no Departamento de Ciências Exatas e da Terra – DCET Campus I UNEB/Salvador.	36
Gráfico 04 - Cursos alocados na UNEB Campus I – Salvador que apresentam homens como maioria dentre os/as cotistas.	37
Gráfico 05 - Cursos alocados na UNEB Campus I Salvador que apresentam mulheres como maioria dentre os/as cotistas.	37
Gráfico 06 - A exclusão da Mulher Negra no Mercado de Trabalho.	39
Quadro 01 - Nomes atribuídos às depoentes.	41
Quadro 02 - Blocos de questões da entrevista.	42

Lista de abreviaturas e siglas

CAMEB	Centro Acadêmico de Medicina
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDI	Centro de Documentação e Informação
CSU	Centro Social Urbano
DCET	Departamento de Ciências Exatas e da Terra
DCH	Departamento de Ciências Humanas
DCV	Departamento de Ciências da Vida
DEDC	Departamento de Educação
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFMT	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
PET	Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PPGEDUC	Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade
SGC	Secretaria Geral de Cursos
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
USP	Universidade de São Paulo
MMN	Movimento de Mulheres Negras
CEPS	Cursos de Elevado Prestígio
CRA	Coeficiente de Rendimento Acadêmico
SPSS	<i>Statistical Package for the Social Sciences</i>
CBPS	Cursos de Baixo Prestígio Social
DEM	Democratas
STF	Supremo Tribunal Federal

Sumário

1 INTRODUÇÃO	12
2 MARCAS QUE CARREGO EM MEU TRONCO: mulher negra	17
2.1 O poder vem da terra ou da semente?	26
3 Em que Terreno Caminhamos?	28
4 “É A TERRA QUE QUERIAS VER DIVIDIDA?” : quantitativo de homens e mulheres negros/as cotistas nos cursos ofertados no Campus I, UNEB, Salvador/BA	34
5 MULHER NEGRA: a árvore que fortalece o bosque	40
6 IDEIAS CONCLUSIVAS: Não queremos “cova medida”, brotando além da terra dividida	61
REREFÊNCIAS.....	64
APÊNDICE I - Cronograma	67
APÊNDICE II – Roteiro de entrevista	68
ANEXO I: Estado da Arte – pesquisas similares.....	69

1 INTRODUÇÃO

Tem havido muitas discussões sobre a desigualdade social e racial e as questões de gênero no Brasil. O histórico do nosso país apresentar-se extremamente patriarcal, machista e racista, haja vista que a sua história foi escrita por homens, em sua maioria brancos, pertencentes às classes abastardas. Assim, a invisibilidade feminina esteve e ainda continua no debate e agenda dos movimentos feministas, movimento este, nascido, justamente, com a intenção de combater as opressões sofridas pelas mulheres. A luta das mulheres, além de histórica, se apresenta como extremamente necessária, sobretudo no atual contexto brasileiro, onde há uma intensa luta das minorias por equidade de direitos. Importante salientar que, quando aqui usamos o termo minorias, não estamos dizendo que a quantidade de mulheres, por exemplo, é menor que a de homens, ao contrário, segundo contagem da população, por sexo, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, em 2018, as mulheres representam 51,7% da população, ainda assim, estas são minoria nos espaços lidos como de poder, tais como em cargos de chefia, na política, em curso de ensino superior de prestígio e outros.

Com o passar dos tempos, após muitas labutas e repressões sofridas, movimentos tais como, o movimento feminista e outros que lutam para combater o preconceito sexual, de gênero, social e étnico-racial foram se corporificando, ganhando visibilidade e respeito de muitos, em detrimento da crítica de um grupo que preza pela manutenção da pirâmide social. Em virtude desta os privilegiar, esse grupo, tenta a todo custo desacreditar tais movimentos, pois, no geral, temem políticas igualitárias, e, sobretudo, alternância de poder, assim, sempre tentam criar uma névoa sobre as lutas dos grupos minoritários, fazendo vistas grossas à precária situação social e ausência destes em diversos espaços.

Nesse contexto, as ações afirmativas apresentam-se como uma forma de retratação para um público que historicamente teve suas necessidades, sobretudo educacionais, suprimidas. Estas são medidas especiais, de caráter temporário, que são apresentadas pelo estado, na tentativa de dirimir desigualdades históricas. Essas medidas podem ser espontâneas ou de caráter compulsório, um exemplo de ação afirmativa é o sistema de cotas para acesso da população preta e parda nas universidades públicas, medida que veio a causar grande celeuma, à época de sua criação. Opiniões sobre este tema eram diversas e conflitantes, muitas vezes havendo oposição dentro de um mesmo grupo, e, dentre os principais argumentos estava a suposta “arbitrariedade” da medida, pois, para estes, se estaria

privilegiando um determinado grupo; argumentavam também que, a medida poderia dividir ainda mais a população numa espécie de *Apartheid*. A polêmica chegou a tal nível, no âmbito nacional, que um grupo composto por artistas, intelectuais, sindicalistas, empresários e representantes de movimentos negros e sociais¹ compôs um documento a ser encaminhado ao Supremo Tribunal Federal (STF), contestando a legalidade da medida que em seu projeto de lei visava instituir a política de cotas nas universidades federais e criar o Estatuto da Igualdade Racial, com reserva de vagas para negros no ensino superior e no serviço público. O Partido Democrata (DEM) também se posicionou em sentido contrário as cotas. E para justificar, os advogados do Partido argumentavam que estariam sendo violados diversos preceitos fundamentados de nossa Constituição; por sua vez, o relator da ação no Supremo, o ministro Ricardo Lewandowski, contra argumentou que, "se a raça foi utilizada para construir hierarquias, deverá também ser usada para desconstruí-las", ressaltando ainda o caráter transitório da medida, uma vez que após equiparação dos danos causados, esta não se faria mais necessária. Por fim, em 26 de abril de 2012, o Supremo Tribunal Federal – STF votou por unanimidade pela constitucionalidade das cotas para estudantes pretos em universidades públicas.

Nesse sentido, faz-se necessária a realização de pesquisas como esta que indaga sobre as vivências e enfrentamentos das cotistas negras no seio da universidade. Essa realidade certamente cria ressonâncias positivas sobre o segmento feminino, uma vez que mulheres com características semelhantes podem sentir-se mais fortalecidas com o exemplo de suas antecessoras. É também importante saber de que modo se materializam essas experiências na prática, considerando que existem diversos elementos que podem vir a colaborar positiva ou negativamente com a consecução de um resultado promissor, ou seja, a sociedade brasileira também tem a ganhar.

Não apenas no contexto baiano, mas também em âmbito nacional a Universidade do Estado da Bahia - UNEB merece destaque pelo seu pioneirismo na implantação do sistema de cotas, bem como no movimento de institucionalização de políticas afirmativas para que seja assegurada a permanência desses estudantes, que são oriundos de grupos sociais com baixa e ou baixíssima renda. Importante salientar que a UNEB não ficou de fora da celeuma, em torno da nova política implantada, sofrendo diversos processos judiciais por ter aderido ao sistema de cotas. Assim, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar quais as estratégias adotadas pelas mulheres negras cotistas para acesso e permanência em cursos de prestígio,

¹ <https://extra.globo.com/noticias/brasil/grupo-de-artistas-intelectuais-entrega-documento-contrapolitica-das-cotas-ao-stf-503804.html>

majoritariamente masculinos. E específicos 1. Identificar o universo de cotistas nos cursos ofertados no Campus I, UNEB/Salvador; 2. Mapear a presença de mulheres e homens negros/as por curso; 3. Identificar as estratégias utilizadas pelas mulheres para acesso e permanência em cursos de prestígio, majoritariamente masculinos.

Quanto aos processos metodológicos, iniciamos a nossa investigação levantando o quantitativo de cotistas da UNEB e analisando sua distribuição. Tomamos como norte as ideias de Demo (1998, p. 101) quando diz que em uma “pesquisa qualitativa dedica-se mais a aspectos qualitativos da realidade, ou seja, olhar prioritariamente para eles, sem desprezar os aspectos também quantitativos. E vice-versa.” Considerando a complementariedade existente entre o quantitativo e o qualitativo, essa pesquisa trouxe dados quantitativos, uma vez que foi realizado levantamento geral do número de cotistas da instituição, e, na sequência, estes foram classificados por sexo, identificando o universo feminino, foco desse estudo. No entanto, podemos também classificá-la como qualitativa, pois se buscou, por meio de questionários, indagar às mulheres cotistas sobre sua rotina acadêmica em um espaço no qual são a minoria, ou seja, nessa pesquisa não foram desprezados os dados quantitativo ou qualitativo; ao contrário, lançamos mão de ambos como mecanismo para a consecução de respostas para as questões aqui postas.

Realizamos ainda, fazer uma entrevista semiestruturada com as cotistas que se dispuseram a participar, pois entendemos que a “[...] pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.” (GIL, 2002, p. 17).

Recorrendo aos pensamentos de Bourdieu (1998), percebemos que em todas as sociedades e/ou grupos sociais existem as disputas sobre campos de poder, onde os agentes ali envolvidos travam verdadeiras batalhas a caminho da ocupação do espaço, bem como da legitimação de suas ações e da manutenção de um poder imposto sobre o outro, muitas vezes de maneira subliminar. A propósito dessas disputas, Santos (2006) chama a atenção para a “Globalização Perversa” que nos traz a falsa ideia de unicidade, quando na verdade, há uma significativa discrepância de acesso ao capital, seja ele, material ou cultural nos diferentes segmentos da sociedade, uma vez que seu acesso é limitado a uns poucos. O autor supracitado, quando trata da “[...] unicidade do tempo ou convergência dos momentos” ao falar do acesso a informações em tempo real traz alguns questionamentos, tais como: “E quem são os atores do tempo real? Somos todos nós?” Questionamentos como estes nos fazem voltar a refletir sobre a história e a maneira como ela foi/é escrita e por quem e, mais ainda, o quanto isso criou e ainda cria ressonâncias na organização social e vem a predefinir os papéis

de seus agentes. Mas, quem são esses agentes sobre os quais recaem essas imposições e como esses atuam na tentativa de quebrar esse paradigma? São questionamentos que emergem no decorrer dessa pesquisa e que se pretendeu responder. Para Mészáros (2005, p. 25) “[...] uma reformulação significativa da educação é inconcebível sem a correspondente transformação do quadro social”, ou seja, para ele as práticas educacionais da sociedade “[...] devem cumprir as suas vitais e historicamente importantes funções de mudanças.”

Desse modo, ao compreendermos como se distribuem as mulheres negras cotistas no seio de uma Universidade pública poderemos, quem sabe, também compreender como estão estabelecidas estas relações no espaço universitário, sabendo que este também reforça desigualdades e hierarquias. Aqui entendemos a Universidade como uma amostra representativa do todo social e tomamos de empréstimo a fala de Chauí (2003, p. 05), quando diz que, “Tanto é assim que vemos no interior da instituição universitária a presença de opiniões, atitudes e projetos conflitantes que exprimem divisões e contradições da sociedade”.

O espaço universitário é regulado por leis e normas próprias. Esse espaço hoje abriga indivíduos com ideologias distintas e pertencentes às mais variadas classes sociais. E esse grupo social se relaciona com o Estado e com a sociedade de maneira conflituosa “dividindo-se internamente entre os que são favoráveis e os que são contrários à maneira como a sociedade de classes e o Estado reforçam a divisão e a exclusão sociais.” (CHAUI, 2003, p. 06). Deste modo, também pode mostrar-se como um agente de ruptura de padrões preestabelecidos pela cultura dominante, assim como, também pode ser um espaço de reprodução de mecanismos de dominação e é nesse espaço de dualidades que buscamos ouvir a voz das cotistas negras.

Reafirmando a importância da escolha dessa instituição como *locus* da pesquisa é salutar ressaltar que a UNEB tornou-se uma das primeiras instituições pública no país a implantar o sistema de cotas por meio da Resolução n.º 196/2002, tendo em sua iniciativa um exemplo seguido por diversas instituições de ensino superior, não somente na Bahia, como em todo o Brasil. Com isso, a Instituição passa a ter um número considerável de estudantes que ingressaram no ensino superior por meio das políticas de cotas. Para se ter uma ideia desse número, conforme o “Anuário UNEB em Dados 2017 - Base 2016”² informa que entre os anos 2014-2016, somente nos cursos de graduação, foram matriculados 26.963 cotistas, o que justifica o *locus* de investigação. Consideramos, também, que a leitura sobre esses números tem sua relevância explicitada ao considerarmos que no atual contexto histórico e

² <https://portal.uneb.br/seavi/anuario-uneb-em-dados/>

político-social estamos vivenciando sistemáticos retrocessos, caracterizados pela supressão de direitos conquistados pelas minorias após muitos anos de luta, como é o caso dos direitos conquistados pelas mulheres, sobretudo a mulher negra.

Seguimos analisando nossas descobertas e refletindo sobre elas de maneira coerente e prestando atenção no que a pesquisa nos revela.

2 MARCAS QUE CARREGO EM MEU TRONCO: mulher negra

Neste capítulo, apresentamos um sucinto histórico sobre o Movimento Feminista e o Movimento Feminista Negro, intencionando ressaltar sua importância para o todo social. Na sequência, apresentamos um breve memorial da autora, onde ela narra um pouco de sua história, sobretudo, a acadêmica, até chegar aos dias atuais. A escolha por juntar a história do feminismo e o memorial, em um só capítulo, está na compreensão de que é a partir das heranças ancestrais e de todos os nutrientes providos pela luta das mulheres negras que surge a força e o interesse dessa pesquisadora e mulher negra pela temática proposta na pesquisa. Também o apresentamos como uma espécie de homenagem a todas aquelas aqui citadas de maneira explícita ou implícita - que são muitas. É preciso externar agradecimentos a estas aguerridas mulheres pelo semear da esperança e por demonstrarem, por meio das ranhuras em seus troncos, o quão difícil e necessária é nossa luta.

Iniciamos tentando conceituar o Feminismo Negro. Nesse sentido, chegamos à compreensão de que ele se materializa como um movimento social protagonizado por mulheres negras que exercem sua militância lutando pela igualdade de direitos, contra as opressões de gênero e racial. É preciso ressaltar que este é um movimento político importante que parte da compreensão de que o racismo, o sexismo e a opressão de gênero estão interligados e devem ser pensados e combatidos com estratégias próprias para esse grupo social. Quando falamos do Feminismo Negro é preciso romper com a ideia de fragmentação do Movimento Feminista, ao contrário, o que se chama atenção é para o fato de não haver uma universalização do ser mulher, pois existem fatores que distanciam umas das outras, um dos aspectos mais estruturante que podemos citar é o racismo. Existente dentro e fora do grupo, o racismo vem a alocar as mulheres em espaços distintos, dada a sua condição racial. Assim, ecoavam em torno do movimento feminista algumas interrogações, tais como: o Movimento Feminista trouxe para as mulheres mais visibilidade? Permitiu que essas tivessem acesso a espaços que antes não acessavam? Mesmo que para as perguntas anteriores a resposta seja sim, ainda restava uma grande inquietação para as mulheres negras: De que mulher o movimento está falando?

Para exemplificar essa carência, podemos trazer um trecho do livro de Ribeiro (2017, p. 20), quando ela toma de empréstimo a fala de Sojourner Truth, abolicionista afro-americana, escritora e ativista dos direitos da mulher que em 1851, ainda nos primórdios do Movimento Feminista, participou da Convenção dos Direitos da mulher, na cidade de Akon,

em Ohio, nos EUA, onde apresentou seu discurso mais conhecido denominado **“E eu não sou mulher?”**

Bem, minha gente, quando existe tamanha algazarra é que alguma coisa deve estar fora da ordem. Penso que espremidos entre os negros do sul e as mulheres do norte, todos eles falando sobre direitos, os homens brancos, muito em breve, ficarão em apuros. Mas em torno de que é toda esta falação?

Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também aguentei as chicotadas! E não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher?

E daí eles falam sobre aquela coisa que tem na cabeça, como é mesmo que chamam? (uma pessoa da platéia murmura: “intelecto”). É isto aí, meu bem. O que é que isto tem a ver com os direitos das mulheres ou os direitos dos negros? Se minha caneca não está cheia nem pela metade e se sua caneca está quase toda cheia, não seria mesquinho de sua parte não completar minha medida?

Então aquele homenzinho vestido de preto diz que as mulheres não podem ter tantos direitos quanto os homens porque Cristo não era mulher! Mas de onde é que vem seu Cristo? De onde foi que Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com Ele.

Se a primeira mulher que Deus criou foi suficientemente forte para, sozinha, virar o mundo de cabeça para baixo, então todas as mulheres, juntas, conseguirão mudar a situação e pôr novamente o mundo de cabeça para cima! E agora elas estão pedindo para fazer isto. É melhor que os homens não se metam.

Obrigada por me ouvir e agora a velha Sojourner não tem muito mais coisas para dizer.

Sojourner Truth, 1851
(Ribeiro, 2017, p. 23 *apud* Truth, 1851)

A fala acima traduz a dor e indignação de uma mulher que questiona o que seria esse “ser mulher”, uma vez que, nunca se sentiu contemplada e/ou incluída no grupo defendido pelo Movimento. Assim como Truth, diversas outras mulheres negras, ao logo do tempo vêm questionando e se contrapondo a um movimento que, infelizmente, ainda carrega em seu seio fortes heranças do colonialismo, realidade esta que, para Kilomba (2019) “é uma ferida que nunca foi tratada. Uma ferida que dói sempre, por vezes infecta, e outras vezes sangra”. São de feridas e inquietações como estas que nasce a necessidade de um Movimento Feminista Negro, que venha a lutar contra as ideias hegemônicas e que, tal qual, uma árvore ferida

busque força em suas raízes para, se não se curar, ao menos fortalecer-se e cicatrizar suas mais profundas ranhuras.

Encontramos em Ribeiro (2017, p. 23 *apud* Truth, 1851), o exemplo do distanciamento de ideais entre as mulheres de classe e cor de pele diferente. Quando ela se expressa, no poema intitulado “On woman’ dress poem”, vale-se do chapéu de pena de ganso, apetrecho muito usado pelas mulheres abastardas da época, para criar uma analogia com sua fala e tentar esclarecer que essa universalidade, ali atribuída às mulheres, seria questionável, uma vez que não inclui mulheres negras e pobres, como ela. Ainda segundo Ribeiro, essa atitude de Truth “desafiava o modo pelo qual as representações do feminismo estavam sendo concebidas”.

No Brasil, por sua vez, as pautas relacionadas ao Movimento Feminista, começaram a ganhar visibilidade na década de 1970, mas é possível considerar que é a partir da década de 1980, com a promulgação da Constituição Federal e fim do Regime Militar, que o Movimento ganhou mais força. Importante salientar que as mulheres exerceram papel fundamental na luta contra a repressão durante o Regime Militar, no entanto, o Movimento, inicialmente, intencionava romper com a ideia da mulher que nasceu para a vida materna, servir, cuidar do lar e do esposo. Este tinha uma roupagem mais libertária e buscava a emancipação feminina, requerendo o espaço da mulher na sociedade e o direito sobre seu próprio corpo. Aqui também não podemos nos furtar de falar sobre os seus primórdios e vertentes, assim podemos citar Bertha Lutz, que liderou um movimento mais centrado em assuntos políticos e necessidade do sufrágio, em seu feminismo denominado “bem comportado”. Contrapondo-se a isso houve o feminismo “malcomportado”, que reivindicava direitos que eram tabus para a época, pois estavam relacionados a temas como sexualidade, educação, divórcio, entre outros. Céli Pinto (2003) afirma que houve ainda uma terceira vertente, mais incômoda para o todo social, formada por mulheres anarquistas e comunistas que combatiam a desigualdade de gêneros, sob o comando de Maria Lacerda.

Este sucinto relato histórico tem o propósito de demonstrar como foram alicerçadas as estruturas do movimento feminista e as roupagens que foram tomando ou ganhando ao longo do tempo, se assemelhando ao germinar de sementes similares, mas com características distintas em um mesmo pomar.

Conforme Pinto (2003)

O movimento feminista, em países como o Brasil, não pode escapar dessa dupla face do problema: por um lado, se organiza a partir do reconhecimento de que ser mulher, tanto no espaço público como no privado, acarreta consequências definitivas

para a vida e que, portanto, há uma luta específica, a da transformação das relações de gênero. Por outro lado, há uma consciência muito clara por parte dos grupos organizados de que existe no Brasil uma grande questão: a fome, a miséria, enfim, a desigualdade social, e que este não é um problema que pode ficar fora de qualquer luta específica. Principalmente na luta de mulheres e dos negros a questão da desigualdade social é central. (PINTO, 2003, p.45)

As integrantes do Movimento de Mulheres Negras (MMN), embora vivenciando a existência de todas essas vertentes, ainda não haviam encontrado o seu lugar, tal qual uma semente que precisava de um espaço no solo para poder ser fincada para germinar. É certo que, não podemos desconsiderar os ganhos e conquistas obtidos a partir da militância dos movimentos feministas, no entanto, a ausência de uma pauta conjunta dentro do movimento que contemplasse a articulação entre gênero e cor suprimia as necessidades de uma grande parcela da população feminina, constituída pelas mulheres negras e que, por conta do racismo latente, sofriam fortes preconceitos e pertenciam a uma classe que, sequer, tinham acesso a direitos básicos tidos como universais, tais como, saúde, lazer e educação, por exemplo. Essas mulheres não se viam inseridas nos movimentos existentes, tendo em vista que suas carências ainda estavam muito aquém das proposições universais do movimento, considerando que estas ainda não galgavam acesso a espaços que já eram acessíveis às mulheres brancas. Para além da luta contra a dominação masculina estabelecida em um modelo de sociedade patriarcal, as mulheres negras precisavam de pautas que também lutassem contra outros tipos de opressão que eram sofridas especificamente por elas; é como se dentro do movimento elas estivessem sempre em um “*não lugar*”, pois mesmo sendo mulheres suas vozes eram inaudíveis, salvo por algumas que tinham visão mais ampliada e eram mais sensíveis à situação das mulheres que se encontravam em uma posição social precária, tais como as indígenas e negras.

Em fala disponível na página da Afreaka³ Djamila Ribeiro faz um sucinto resumo do feminismo no Brasil, referenciando mulheres que exerceram grande influência para a corporização do Feminismo Negro, conforme segue

Foi apenas a partir da década de 1980 que o feminismo negro começa a ganhar força por aqui. Com o II Encontro Feminista Latino-americano, que aconteceu em Bertioga, no litoral paulista em 1985, surge a organização de mulheres negras em busca de visibilidade no meio feminista. Em seguida despontam os primeiros Coletivos de Mulheres Negras e Encontros Estaduais e Nacionais de Mulheres Negras. Desde então nomes como os de Sueli Carneiro, Lélia Gonzales, Núbia Moreira, Luiza Bairros, entre outras, abrem caminho para a representação negra feminina no Brasil.

³ <http://www.afreaka.com.br/notas/o-feminismo-negro-brasil-um-papo-com-djamila-ribeiro/>

Nesse sentido, trazemos a fala de Gonzales (1988), onde traz uma reflexão importante sobre a situação das mulheres negras e indígenas e a ausência de suas falas dentro do movimento

Ao evidenciar a ênfase direcionada a dimensão racial (quando se trata da percepção e do entendimento da situação das mulheres no continente) tentarei mostrar que, no interior do movimento, as negras e as indígenas são as testemunhas vivas dessa exclusão. Por outro lado, baseada nas minhas experiências de mulher negra, tratarei de evidenciar as iniciativas de aproximação, de solidariedade e respeito pelas diferenças por parte de companheiras brancas efetivamente comprometidas com a causa feminina. A essas mulheres- exceção- eu chamo de irmãs. (GONZALES, 1988)

Felizmente, na atualidade, é possível notar um crescente número de pesquisadoras e intelectuais negras que se debruçam sobre a causa. No entanto, ainda são grandes as lutas por equidade, inclusive, vividas por estas para que hoje sejam reconhecidas como tais em um campo que resiste em reconhecê-las. Como exemplo das labutas vividas por mulheres negras apresento o memorial que segue, como relato pessoal.

Nascida no interior da Bahia, mais precisamente na cidade de Cruz das Almas – BA, situada na região do Recôncavo, filha de Seu Zeferino, não alfabetizado, mas, letrado socialmente, mais carinhosamente conhecido como seu Zifú ou Seu Zé, um agricultor que para além da labuta externa, usava o pouco tempo que lhe restava para o plantio e cultivo de frutas, legumes e hortaliças com o objetivo de ajudar na subsistência de sua família. Esse tinha como parceira Lina Maria, Dona Lina, minha mãe, uma dona de casa que estudou apenas as séries primárias e cosia colchas de retalhos e remendava as roupas de seus filhos para que durassem o maior tempo possível. Com Ela, infelizmente, convivi apenas até os treze anos, época em que a perdi para as complicações cardíacas e falta de recursos para alongar a sua vida. Sendo a mais nova de dez filhos (vivos), assim como meus irmãos e irmãs, tive toda a minha trajetória estudantil em escolas públicas. Lembro que a maioria dessas escolas era situada em povoados vizinhos e, no geral, caminhávamos bastante para chegar até elas. Eram instituições bem simples e as crianças que ali estudavam, em sua maioria, residiam na zona rural, assim como eu.

Desde muito pequena a mim foi ensinado que a escola seria uma espécie de “ponte” para melhorias. Isso era traduzido, ora na fala de minha mãe, quando dizia que a escola seria o “lugar aonde a criança vai para aprender e ficar sabida”, ora na frase de meu pai, quando dizia que, ao contrário dele, eu deveria “aprender a escrever algo além da letra “o” com o fundo do copo”. Para Ele, a escola serviria para evitar que os filhos andassem em “maus caminhos” e

saber decifrar as letras já seria uma grande conquista. Para Ela, o aprendizado escolar traria algumas expertises que poderiam vir a ser útil, no dia a dia. Ambos tinham fé que isso bastaria para que seus filhos pudessem ter uma profissão, o quanto antes, pois eram tempos difíceis e necessitavam da ajuda dos filhos para prover o sustento da família. Eles poderiam até não saber mas, em suas concepções, havia uma aura freiriana ao exprimirem, em outras palavras e de modo tão singelo, o que condiz com os pensamentos de Freire (1989, p. 24), quando diz que "é da intimidade das consciências, movidas pela bondade dos corações, que o mundo se refaz. E, já que a educação modela as almas e recria os corações, ela é a alavanca das mudanças sociais."

Já, para mim, a escola seria uma espécie de lugar mágico onde poderia se aprender muitas coisas e sobre coisas que eu, sequer, já tinha visto. Contudo, não demorou muito para perceber que esse espaço não era só de magia e coisas boas. Nele, ainda na infância, já sofria as opressões do racismo sem mesmo ter consciência do que se tratava, seja na piada vinda dos coleguinhas sobre o meu cabelo crespo, sob a total ausência de intervenção do corpo docente; seja em outros momentos como a seleção de quem sairia com a bandeira no desfile escolar ou quem seria a rainha do milho nos festejos juninos, sei que nunca estive entre estas. E, quem lá estava, a cor da pele claramente destoava da minha. E assim se deu a minha trajetória escolar até a antiga sétima série do ensino fundamental, entendendo que espaços de destaque não seriam acessíveis a pessoas com a minha aparência. Ao chegar à sétima série, já havia superado os meus irmãos e irmãs que por diversos motivos interromperam os seus estudos. Quando minha mãe veio a falecer, em 1994, foi a minha vez de interromper os estudos em meio a todo processo de adoecimento da figura estruturante da família, da escassez financeira e crise agrária com intenso período de seca. Nesse momento, houve uma reestruturação familiar e passei a morar com um irmão, agora em Salvador. Foi um período muito difícil para mim, pois tive que me adaptar a diversas mudanças em minha rotina tudo isso em meio a um período tido como muito complexo que é a fase da adolescência. Só tempos depois foi possível retornar aos estudos. Agora, em outros moldes e de maneira bem mais desgastante que outrora, pois estudava no turno da noite e durante o dia trabalhava como babá, atividade necessária já que precisava custear transporte, materiais escolares e outros. Essa rotina durou, aproximadamente, dois anos. Posteriormente, passei a ser estagiária em uma empresa privada, onde os ganhos não eram tão bons, mas havia melhor condição de trabalho, e, conseqüentemente, mais tempo para estudar. E esse foi o caminho seguido até a conclusão do ensino médio.

O ano era 2001 e concluía o ensino médio. Não foi possível continuar no estágio e, mais uma vez, precisei me afastar da vida estudantil para seguir em busca de trabalho para prover meu sustento. Somente sete anos depois é que me reaproximei da vida acadêmica quando prestei vestibular, no ano de 2008, em uma instituição particular na qual trabalhava como recepcionista, e onde na qual, sendo aprovada, teria significativo desconto na mensalidade. Cursei dois semestres no curso de Direito. No entanto, em função de ter sido desligada da empresa precisei interromper o curso, pois desempregada não teria como custeá-lo. A partir daí, iniciou-se mais uma saga em busca de emprego, quando em 2010, após fixar-me na área administrativa, agora em uma distribuidora, por incentivo de alguns amigos prestei vestibular para o curso de Licenciatura em Pedagogia, noturno, na Universidade Federal da Bahia – UFBA e, para meu espanto, – já que a minha vivência dizia que esse espaço era inacessível para pessoas como eu – fui aprovada, iniciando efetivamente a minha trajetória acadêmica no ensino superior no semestre 2011.2.

A princípio, a alegria era tamanha em acessar aquele espaço do qual sempre ouvia pessoas, geralmente não negras, enchendo o peito e falando com orgulho que lá estudavam, via pessoas abastardas falando de sua formação, a de seus filhos ou do grande orgulho que teriam ao ver seus filhos lá ingressarem. Tudo me parecia fabuloso. Recordo que levou certo tempo até eu acreditar que aquela menina, realmente, tinha conseguido ingressar no ensino superior em uma instituição pública com tamanho prestígio, como era e é o caso da UFBA. Recordo que, mesmo depois de ter visto o meu nome na lista de aprovados e ter realizado matrícula, eu ainda temia que acontecesse algo ou que alguém dissesse que houve algum equívoco. O fato é que minha história dizia que aquele não era o meu lugar. Essa tensão só foi parcialmente aliviada no primeiro dia de aula quando passaram a lista de presença a ser assinada e lá estava escrito o meu nome. Lembro-me de ter conferido algumas vezes e, sim, era o meu nome mesmo, mas não tardou para que eu fosse sacudida pela realidade, pois logo surgiram as primeiras dificuldades e obstáculos. A fase de adaptação foi muito difícil, me adaptar àquela realidade, acompanhar os componentes curriculares, a dinâmica do espaço e manter um bom rendimento, tendo retornado aos estudos após tão extenso lapso temporal e, mais difícil ainda, era cumprir as exigências com relação aos horários, ou melhor, a rigidez sobre eles, imposta por muitos dos professores/as do primeiro semestre/período que pareciam insensíveis a qualquer justificativa. Era, matematicamente, impossível sair às 18h do trabalho e estar na faculdade às 18:30h. Também era muito difícil chegar em casa por volta das 00h. Recordo que, durante o trajeto de volta, torcia por um banco vazio em que pudesse sentar e otimizar o tempo, fazendo leitura dos textos, em meio a tensão dos assaltos a transporte

coletivo que era uma constante durante o período. Quando não conseguia me sentar, o jeito era retomar um pouco do assunto estudado em casa e no dia seguinte estar de volta ao trabalho às 06:30, o que significava acordar antes das 5h, todos os dias, para não correr o risco de atrasar, afinal, precisava do emprego. Em pouco tempo aquela rotina tornara-se, excessivamente, exaustiva, o que me fez buscar por outras alternativas de trabalho.

Então, em meio a essas buscas e algumas experiências trabalhistas em espaços diversos, com condição de trabalho semelhante à acima citada, uma pessoa conhecida me falou sobre um processo seletivo que estava acontecendo na instituição onde ela trabalhava como terceirizada. Participei e, após seleção, fui encaminhada a trabalhar junto à secretaria do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID UNEB – interessante que esse era um dos programas que gostaria de participar como estudante, na UFBA, mas que, infelizmente, não me era possível por conta da carga horária exigida (em dias úteis e no turno diurno), o que não me permitiria trabalhar, tão pouco, o valor da bolsa que não supriria as minhas necessidades básicas. Essa também era uma das minhas dificuldades como estudante do turno noturno e trabalhadora do diurno, a mim sempre foi limitada a participação em atividades estudantis durante o dia e, à noite, não tinha como, pois o horário chocava com os componentes, ou seja, estava lá, aberto a todos os estudantes, mas, nem todos os estudantes tinham acesso. Isso coaduna com a fala de Kilomba (2019), quando diz

Pessoas negras experienciam uma realidade diferente das pessoas brancas e, portanto, questionamos, interpretamos e avaliamos essa realidade de maneira diferente. Os temas, paradigmas e metodologias utilizados para explicar tais realidades, podem diferir dos temas, paradigmas e metodologias das/os dominantes. Essa “diferença”, no entanto é distorcida do que conta como conhecimento válido. (KILOMBA, 2019, p. 54)

Vale salientar que, a essa época, por força das circunstâncias, eu já não morava mais com o meu irmão, ou seja, ainda tinha o custo do espaço em que residia. Esse novo vínculo não me trazia grandes retornos financeiros, mas com bastante malabarismo eu conseguia me manter. Entretanto, o maior ganho estava nas possibilidades, pois este veio a me possibilitar uma maior aproximação com o mundo acadêmico e, sob outra perspectiva, o que melhorou significativamente minha caminhada acadêmica, a começar com relação ao horário de saída, agora às 17h, o que me possibilitava chegar com menos atraso para as aulas na Faculdade de Educação da UFBA – FACED. Concluí minha graduação em janeiro de 2017, após vivenciar alguns longos períodos de greves na UFBA e incertezas. Aqui vou me furtar a contar em detalhes, mas durante a minha graduação percebia, claramente, os extremos entre os públicos

que lá conviviam, sobretudo quando se tratava de alguns cursos. Trabalhar em uma instituição como a UNEB também me possibilitou maior aproximação com diversas atividades acadêmicas e o vislumbrar da possibilidade de entrar em um programa de pós-graduação, coisa que estava bem distante de meus sonhos de infância. Assim, mesmo que de maneira ainda tímida, já acreditava que seria possível, não fácil, não simples, mas possível. Assim, concorri e consegui ingressar como aluna especial no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEduc/UNEB, o que ampliou o meu olhar crítico sobre algumas questões que há muito me inquietavam, tais como as relações de gêneros, raciais e sociais, de modo que a ideia dessa pesquisa foi tomando forma e no segundo semestre do mesmo ano participei de processo seletivo submetendo o projeto dessa pesquisa, para a qual obtive aprovação. Lembro que a cada fase do processo superada eu vibrava e ao mesmo tempo sofria muito, pois, por mais confiante que pudesse estar, uma voz lá dentro em meu subconsciente ecoava “será esse lugar para você?”. Ignorando a pergunta fui, com medo, mas fui, passei por cada fase e ingressei como aluna regular em 2018.1. E aqui estou, em meio aos prantos tentando finalizar essa escrita e me matrimoniando com Grada Kilomba (2019, p. 64) em Memórias da Plantação - título pelo qual tenho grande apreço - quando ela diz “Não posso ignorar quão difícil é para nossos corpos escaparem às construções racistas sobre eles, dentro da academia”. Falar de mim e contar um pouco da minha história se assemelha a mexer em uma ferida que sangra, fazendo analogia a uma fala da mesma autora, mas entendo que esse sangrar também é um caminho para a cicatrização e sei que tal qual uma árvore as marcas destas ranhuras sempre carregarei em meu caule.

Sim, aqui estou, e, como é que percebo esse espaço, como me sinto em relação a ele e/ou às pessoas que nele circundam? O jargão da instituição em que estudo é o de ser uma Universidade inclusiva e talvez o seja mesmo, em seus regulamentos, normas e documentos inscritos, mas, sabemos que, na prática, vários são os fatores que influenciam na materialização de normativas, e o principal deles é que esse espaço é feito por pessoas, cada uma delas com suas crenças, conceitos e preceitos. Sinto-me agraciada por estar nesse espaço, mais ainda por dividi-lo com outros homens e mulheres negras, como eu, que trabalham com as mais diversas temáticas. Esse espaço não é acessível a todos devido a vários agravantes, dentre eles podemos citar, a pouca quantidade de vagas, o que eleva os pré-requisitos exigidos para acessá-lo, o que de certa forma confere certo prestígio àqueles que conseguem passar pelos filtros, o que em muitos casos mexe com a vaidade daqueles/as que ali estão, e causa questionamentos de outros sobre como aqueles estão ali. Manter-se nesse espaço, cumprindo todas as suas exigências e rituais não é uma tarefa tão simples, sobretudo, para pessoas como

eu, estudante não bolsista, que precisa trabalhar para continuar provendo o seu sustento e que vive nos malabares de negociar horários de saída e chegada ao trabalho, tendo que justificar cada necessidade de ausência e ou supri-las de formas distintas.

Todo esse processo reafirma a essa estudante negra que aquele espaço, por ela acessado, em nada é garantido, ao contrário, ele precisa ser conquistado a cada dia, e, a todo instante, fazendo-se necessário reafirmar que a ele se faz jus, seja na postura adotada diante de seus colegas, seja na incessante reafirmação da importância de sua pesquisa, e para isso, é preciso lançar mão das estratégias possíveis na tentativa de otimizar o tempo e se aperfeiçoar. Assim, seja nas páginas de livros lidas de maneira furtiva, dentro do banheiro, no intervalo para o almoço ou na, nem sempre silenciosa, madrugada, o fato é que ser mulher negra estudante de pós-graduação, ao menos para mim, é continuar na labuta por dias melhores.

2.1 O poder vem da terra ou da semente?

Neste capítulo, consideramos necessário conceituar um dos termos que usamos bastante ao longo da pesquisa e que pode requerer do leitor maior esclarecimento para que haja uma melhor compreensão sobre o que é dito e/ou em qual sentido esses termos estão sendo usados. Assim, seguimos na tentativa de trazer maior explicitação sobre o emprego do termo empoderamento nesta pesquisa, inclusive integrando o título deste trabalho.

Ao buscarmos no *Google* o significado da palavra empoderamento a maioria das páginas indica que a sua origem vem do inglês *empowerment*, que significa algo como dar ou delegar poderes. Investigando essa origem, logo de início, percebemos que o empoderamento não é visto apenas sob uma perceptiva com um caráter universal, pois este pode ser trabalhado sobre diferentes níveis, a saber, empoderamento individual, o empoderamento organizacional e o empoderamento comunitário, o que reafirma a necessidade de mais explanação desse termo.

De modo amplo, o termo está diretamente relacionado a movimento emancipatório, como aponta Berth apud Anne-Emmanuèle Calves (2019):

O empoderamento refere-se a princípios, como a capacidade de indivíduos e grupos agirem para garantir seu próprio bem-estar ou seu direito de participar da tomada de decisões que lhes dizem respeito, que orientam pesquisa e intervenção social entre populações pobres e marginalizadas por várias décadas [...] (BERTH apud ANNE-EMMANUÈLE CALVES, 2019, p. 36)

Berth, em seu livro *Empoderamento*, também traz as contribuições do educador brasileiro Paulo Freire para maior compreensão, internalização e uso desse termo a partir da “análise aplicada à realidade de grupos oprimidos”, onde o educador trata a Teoria da Conscientização, também inspiradora da Teoria do Empoderamento, ainda na década de 1960. E é nesse sentido, freiriano e ou berthiniano, que trazemos aqui o termo empoderamento como sendo uma espécie de agente propulsor de mudanças a partir da conscientização e ação do indivíduo.

Essa mesma expressão, a partir da roupagem dada pelo educador brasileiro Paulo Freire - que com suas reflexões a respeito da educação popular e sobre as pedagogias do oprimido e libertadora, é vista como algo que está além da liberdade e autonomia, ampliando o sentido de *empowerment* como um simples ato de dar ou delegar poderes, sendo para Freire & Shor (1986), um movimento de dentro para fora, pois consiste na autoevolução, no autofortalecimento e no posterior fortalecimento do outro, condição *sine qua non* para sua existência. Segundo os autores

Mesmo quando você se sente, individualmente, mais livre, se esse sentimento não é um sentimento social, se você não é capaz de usar sua liberdade recente para ajudar os outros a se libertarem através da transformação global da sociedade, então você só está exercitando uma atitude individualista no sentido do empowerment ou da liberdade. (FREIRE & SHOR, 1986, p. 71)

Consideramos o empoderamento fundante para a melhoria social, uma vez que é possível considerar a amplitude de sua ação, o que condiz com a fala que segue

O empoderamento das mulheres libera e empodera também aos homens no sentido material e no psicológico, já que a mulher logra ter acesso aos recursos materiais em benefício da família e da comunidade, a compartilhar responsabilidades, e também devido a que se permitem novas experiências emocionais para os homens e os libera de estereótipos de gênero. (LEON, 2002, p. 21)

Desse modo, seguimos nesse processo investigativo, observando este movimento, e buscando identificar as narrativas que afloram estratégias necessários para o acesso e permanência das mulheres negras cotistas em cursos de prestígio e ou majoritariamente masculinos.

3 Em que Terreno Caminhamos?

Entendemos que para tratarmos de qualquer que seja a temática faz-se necessário conhecê-la e inteirar-se dos debates já existentes em torno da mesma, sobre as mais diversas perspectivas possíveis. Nesse sentido, apresentamos nesse capítulo o levantamento realizado sobre as pesquisas já existentes com temáticas semelhantes.

Assim, realizamos um levantamento de pesquisas sobre o tema publicadas no Banco de Tese e Dissertações da CAPES⁴; no CDI – UNEB⁵; e na BIBLIOTECA DIGITAL USP⁶. Nestes, realizamos a busca, utilizando palavras como: cursos de pós-graduação; mulher no ensino superior; ação afirmativa, mulher cotista. Na sequência, fizemos inicialmente, uma leitura por títulos e resumos para verificar se estas tinham relação com os temas debatidos nessa pesquisa. Seguimos uma ordem cronológica e elencamos as dez pesquisas que entendemos trazer elementos que caminham na mesma direção de nosso estudo. Os resumos e detalhamento desses trabalhos encontram-se no Anexo I.

A primeira dissertação a nos chamar a atenção, datada de 2008, intitulada “*MULHER NEGRA PROFESSORA ENTRE A CRISÁLIDA E O BEIJA-FLOR: O INVISÍVEL E O REVELADO, O SILÊNCIO E A ESCRITA DE SI*”, de autoria Luciana Nascimento dos Santos, com orientação de Ana Célia da Silva, aborda a “trajetória de vida de uma professora negra, do Município de Feira de Santana que faleceu em sala de aula, Luiza Carmo de Jesus”. Esse trabalho traz em seu seio as dificuldades vividas por uma professora negra em seu enfrentamento diário contra a opressão e o racismo que a todo o momento coloca à prova a legitimidade de seu acesso e permanência naquele espaço. Com a leitura deste, podemos perceber o quanto esse mal está enraizado e a forma com a qual, subliminarmente, age sobre as pessoas adoecendo-as, o que pode até vir, como foi o caso, a lhes ceifar a existência. Isso nos faz refletir sobre como é difícil esse enfrentamento e como mazelas como o racismo, a discriminação e o preconceito, naturalizados por uns, podem vir, silenciosamente, a causar males irreversíveis em outros, nos fazendo pensar sobre de que modo são postas as relações no seio de uma instituição de ensino, seja ela básica ou superior para uma aluna negra cotista em uma turma onde a maioria é formada por não negros e homens. Esse refletir vai de encontro ao que diz, no trecho abaixo, Silva (2004), quando trata dos impactos psíquicos do racismo sobre o indivíduo.

⁴ <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

⁵ <http://www.cdi.uneb.br/site/>

⁶ <http://www.teses.usp.br/>

O inconsciente coletivo marcado pelo racismo e sexismo, manifestado através dos preconceitos, estereótipo e discriminação, é gerador de situações de violência física e simbólica, que produzem marcas psíquicas, ocasionam dificuldades e distorcem sentimentos e percepções de si mesmo. (SILVA, 2004, p. 130)

A segunda dissertação que trazemos é do ano de 2009 e é intitulada “VAGAS PARA NEGROS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: UMA CAUSA DE POLÍTICAS PÚBLICAS NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA”, de autoria de Sonia Maria Freitas de Cerqueira, com orientação de Leliana Santos de Sousa. Essa traz dados importantes que podem dar subsídios a esta pesquisa, uma vez que apresenta, de forma minuciosa, todo o caminho traçado pela UNEB para a implementação e, sobretudo, institucionalização do sistema de cotas entre o período de 2002-2006. Nessa, a autora além de trazer relatos de como se deu o processo de adesão da instituição à Ação Afirmativa, também recorre a documentos legais da época, esclarecendo o que vem a ser a Ação Afirmativa e sua importância social.

Passamos então, para a análise da terceira dissertação intitulada “A MULHER NEGRA NO ENSINO SUPERIOR: TRAJETÓRIAS E DESAFIOS”, de autoria de Carlinda Moreira dos Santos, com orientação de Delcele Mascarenhas Queiroz. Essa pesquisa foi defendida em 2012 e, até então, é a que apresenta uma relação mais assertiva com o nosso objeto de pesquisa, uma vez que também apresenta como objeto de estudo as mulheres negras cotistas que acessaram cursos de elevado prestígio. No entanto, sua pesquisa tem como *locus* uma instituição federal. A autora realiza um estudo investigativo de abordagens qualitativa e quantitativa por considerar que estes se “[...] complementam com o propósito de se chegar a generalizações mais consubstanciadas”, além de analisar os “formulários preenchidos pelos estudantes quando de suas inscrições no vestibular”. Realizou entrevista com 14 mulheres negras cotistas nos cursos considerados de prestígio na instituição, a saber, Engenharia Mecânica, Engenharia Civil, Ciência da Computação, Medicina, Odontologia, Direito, Psicologia e Comunicação/Jornalismo, no período de 2006 e 2010. A autora ressalta em nota de rodapé que a “atribuição de prestígio aos cursos oferecidos pela UFBA baseou-se numa consulta realizada por Queiroz (2001), em 1997, a empresas de consultoria em Recursos Humanos, que atuavam na cidade de Salvador.” Assim, a similaridade entre essa pesquisa e a aqui apresentada lhe confere status de grande importância já que esta discute questões como relações de gênero, raça e classe no âmbito dos referidos cursos.

A quarta dissertação intitulada “POR UMA PERSPECTIVA CRÍTICA DE DIREITOS HUMANOS: O CASO DAS COTAS PARA A POPULAÇÃO NEGRA NO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO”, de autoria de Camila Magalhães Carvalho,

com orientação de Kabengele Munanga, traz reflexões sobre questões que segundo a mesma estão inter-relacionadas que seriam “[...] o papel dos direitos humanos na dinâmica social e as cotas étnico-raciais enquanto políticas afirmativas de inclusão do segmento negro ou afrodescendente”. Esse trabalho perpassa por questões que também estão imbricadas em nossa pesquisa, uma vez que traz à tona discussões sobre “[...] memória do período escravagista, o ideal do branqueamento da elite brasileira do fim do século XIX, o racismo científico, a miscigenação e o mito da democracia racial.” Destacamos estes pontos, pois entendemos que estes elementos impelem sobre os negros e negras, no Brasil, uma bruma que tenta silenciá-los à medida que lhes suprime diversos direitos, o que viola a liberdade dos indivíduos. Isso nos faz voltar a refletir sobre o processo de opressão sofrido pela professora que teve sua história narrada na primeira dissertação analisada e como é importante que sigamos nessa pesquisa em busca das vozes de nossas cotistas em cursos de alto prestígio, espaço esse que, para além de tudo, envolve um poder que geralmente é ocultado à população negra.

Agora, passamos a verificar o que nos traz à nossa quinta dissertação destacada, intitulada “ESTUDANTES COTISTAS EM CURSO DE ALTO PRESTÍGIO SOCIAL DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA: PERCEPÇÕES, ENFRENTAMENTOS E SUPERAÇÕES”, com autoria de Vandeilton Trindade Santana e orientação de Delcele Mascarenhas Queiroz. Essa pesquisa é datada de 2016 e coloca que uma das suas contribuições estaria em possibilitar o “[...] avanço do debate em torno da temática e para a análise da pertinência da Política de Ação Afirmativa”. O autor usou um aporte metodológico qualitativo, onde aplicou entrevista semiestruturada “[...] para conhecer e analisar o trajeto desses estudantes desde a escolarização na educação básica até acessar o ensino superior”. Essa pesquisa também traz bastante similaridade com a nossa, uma vez que tem como *lócus* a mesma instituição e nela trabalha com cursos de elevado prestígio, no entanto, não faz o recorte de gênero que essa pesquisa faz.

Na tese de doutoramento de Andreia Cardoso Silveira, com orientação de Robinson Moreira Tenorio, intitulada “EXPECTATIVAS, ESTRATÉGIAS E ALCANCES DE INSERÇÃO PROFISSIONAL DOS ESTUDANTES COTISTAS E NÃO COTISTAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA”, a autora aplicou questionários a “290 estudantes (não cotistas, cotistas pretos ou pardos e cotistas de qualquer etnia ou cor), formandos – 2014.2, em 16 cursos de maior e menor escore no Vestibular 2005 da UFBA”. Na primeira etapa de aplicação do questionário, e na segunda etapa que ocorreu após nove meses de formação de seus cursos, participaram da pesquisa como depoentes 140 egressos. Assim, “O

primeiro questionário coletou informações quanto às expectativas e estratégias previstas de inserção profissional. Já o segundo, coletou dados de alcances e estratégias reais de inserção profissional”. Como achados da pesquisa a autora traz que

[...] impactos positivos da Política de Cotas no ensino superior pois, para além da ampliação do acesso à universidade, essa política tem permitido que a população negra possa aspirar a um futuro profissional não menos promissor do que é esperado por outros grupos étnico-raciais, bem como tem impulsionado importantes transformações no mercado de trabalho brasileiro que até os dias atuais ainda exclui e/ou desvaloriza os negros. (SILVEIRA, 2016, p.03)

Esse trabalho assemelha-se em alguns pontos com a sétima dissertação, com o título “COTISTAS E NÃO COTISTAS: QUAL O DESEMPENHO DOS ALUNOS DO IFMT?”, de autoria de Leniezia Cassia Duarte da Silva Fernandes, com orientação de Dalson Britto Figueiredo Filho. A autora traz como principal achado de sua pesquisa o fato de que “Não houve diferença significativa em relação ao coeficiente de rendimento desses alunos quando comparados, o que mais uma vez descarta a ideia dos críticos em relação ao sistema de cotas.” Assim, reafirmamos que o foco dessa pesquisa é outro, considerando que já foi constatado em diversas pesquisas que a presença de cotistas em uma instituição de ensino superior não diminui a qualidade de seu ensino e muito menos esses teriam um desempenho menor que o dos não cotistas.

A oitava dissertação intitulada “AFILIAÇÃO UNIVERSITÁRIA: TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES COTISTAS E NÃO COTISTAS EM CURSOS DE ALTO PRESTÍGIO SOCIAL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA”, de autoria de Soraia Santos de Oliveira, com orientação de Dora Leal Rosa, é de base qualitativa, onde a autora utilizou para “[...] tratar de afiliação universitária os estudos de Alain Coulon e para compreender os fatores referentes ao capital cultural, social e econômico a teoria de Pierre Bourdieu.” Nessa também foi realizada a entrevista semiestruturada, assemelhando-se à nossa pesquisa, só que no caso os depoentes foram 17 estudantes e a preocupação de seu estudo foi “[...] como os estudantes lidam e adaptam-se as novas demandas para tornarem-se afiliados a instituição, tornarem-se membros.”. A pesquisa aponta como achados a

[...] existência de um tempo de estranhamento e da aprendizagem do ofício universitário para todos os estudantes que ingressam na universidade, mas o estranhamento é mais longo e as aprendizagens mais difíceis para os estudantes cotistas, tendo em vista que o capital cultural, social e econômico desde a entrada na universidade até o momento da afiliação são fatores que estão imbricados na condição de vida estudantil. (Oliveira, 2017, p.05)

A discussão também impulsiona reflexões sobre a democracia universitária e o que seria equidade no ensino superior.

A penúltima pesquisa em que apresentamos considerações é a tese de doutoramento intitulada “A DEMOCRATIZAÇÃO NOS CURSOS DE ELEVADO PRESTÍGIO SOCIAL NA UFPB: Acesso e Permanência dos Estudantes Cotistas”, de autoria de Nayara Tatianna Santos da Costa, com orientação de Wilson Honorato Aragão. A pesquisa tem uma abordagem quali-quantitativa, com o recorte do período entre 2011-2015. Nela foi usado um *software* para fazer análise nos indicadores de matrícula e com isso pode constatar que na instituição analisada havia uma concentração maior de estudantes

[...] respectivamente em pedagogia, direito, medicina, eng. civil, nutrição e física.” E, a partir daí, buscou “compreender as nuances de desempenho dos cotistas através dos Coeficientes de rendimento Acadêmico (CRAs), além das suas trajetórias, origens sociais e dos mecanismos de assistência estudantil oferecidos pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a partir do olhar dos estudantes cotistas dos Cursos de Elevados Prestígio (CEPS), utilizando-se das entrevistas semiestruturadas e da análise temática de conteúdo de Bardin. (Costa, 2017, p. 07)

Assim como na pesquisa anterior, nessa a autora também recorre a Bourdieu para discutir os “conceitos de capital cultural, campo e *habitus*”. Como achados defendeu que

[...] a democratização da educação superior pública se deu prioritariamente via carreiras consideradas como de menor prestígio social, e pela área de humanidades em particular, embora o estudo reconheça o papel da Lei de cotas na reconfiguração do perfil dos estudantes presentes nos cursos de maior prestígio. (Costa, 2017, p. 07)

Por último, mas não menos importante, trazemos algumas considerações sobre a décima dissertação analisada, com o título “A UNIVERSIDADE COMO TERRITÓRIO DE RESISTÊNCIAS: TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS DE MULHERES COTISTAS DO CÂMPUS DE ARAGUAÍNA - UFT”, de autoria de Grazielly dos Santos Germano, com orientação de Kenia Goncalves Costa. Sendo a mais recente das aqui analisadas, essa dissertação teve sua defesa realizada no ano de 2018. Nela a Universidade enquanto território é entendida como

[...] espaço de subjetividades, individuais e coletivas, onde manifestam-se as contraposições hegemônicas e dominantes historicamente construídas, tornando-se cenário de resistências, dentre as quais, as mulheres enquanto grupo social minoritário enfrentam cotidianamente no ensino superior. (GERMANO, 2018, p.10)

Em seus achados, a autora salientou que

[...] as mulheres estudantes cotistas, mulheres negras, mulheres quilombolas e mulheres indígenas, enfrentam muitos obstáculos para finalizar os cursos de graduação, dificuldades alicerçadas culturalmente por meio das relações de poder que envolvem questões de gênero, étnico-raciais e classe, entrelaçadas às condições estruturais que o processo de colonização construiu. Contraditoriamente, esse espaço se apresenta como de fortalecimento enquanto grupo e lugar social e uma oportunidade para melhores condições de vida. (GERMANO, 2018, p.10)

Para se chegar a esses achados realizou pesquisa de mote qualitativo com entrevistas semiestruturadas. Em sua pesquisa foi observado que na instituição o percentual de “[...] cotistas pretas é maior, seguidas pelas pardas, depois quilombolas e indígenas”, assim, escolheu aleatoriamente duas de cada categoria, totalizado oito depoentes em sua pesquisa.

A análise desses materiais permitiu perceber como estão sendo configuradas as pesquisas nessa área, o que nos conferiu grande responsabilidade no caminho trilhado. Isso também nos leva a reafirmar o quanto o estudo empreitado por esta se faz necessário.

4 “É A TERRA QUE QUERIAS VER DIVIDIDA?”⁷: quantitativo de homens e mulheres negros/as cotistas nos cursos ofertados no Campus I, UNEB, Salvador/BA

Nesse capítulo, apresentamos uma abordagem mais quantitativa, tomando como base de análise o quantitativo de cotistas negros/as que ingressaram na UNEB, Campus I, por meio dos vestibulares 2014.1 a 2018.1. Esse período foi escolhido por entender que haveria maior possibilidade de encontrar e de contatar estudantes com o perfil tratado na pesquisa, uma vez que, possivelmente, ainda não tenham concluído o curso.

Iniciamos, coletando essas informações junto à Secretaria Geral de Cursos (SGC) UNEB, os dados cedidos foram filtrados, planilhados e, posteriormente, transformados em gráficos na busca de realizarmos uma leitura mais clara sobre estes. Compreendemos que esse processo é importante, considerando que estes nos norteiam em direção dos sujeitos da pesquisa que, no caso, são as cotistas inseridas nos cursos considerados de maior prestígio majoritariamente masculino.

No Gráfico 1, que segue, podemos observar o ingresso dos cotistas negros/as por vestibular, na UNEB, desde 2014.1 até 2018.1.

Gráfico 1 - Distribuição dos cotistas ingressantes na Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus I Salvador nos vestibulares 2014.1 até 2018.1.



Fonte: Elaborado pela autora, após consulta à Secretaria Geral de Cursos (SGC) da UNEB, 2018.

Ao observarmos o quantitativo global de cotistas negros/as por sexo no Campus I da UNEB fica perceptível que há um maior número de ingressantes do sexo feminino, o que corresponde a, aproximadamente, 61% dos ingressantes. Ao recorrermos aos escritos sobre a presença da mulher no ensino superior, encontramos pesquisadores/as como Queiroz (2008), que nos mostra em seu estudo publicado pela revista *Ártemis*, intitulado “Ações afirmativas na universidade brasileira e acesso de mulheres negras”, no qual afirma que “há uma presença expressiva da mulher nos níveis básicos da escolarização, superando, inclusive, a participação

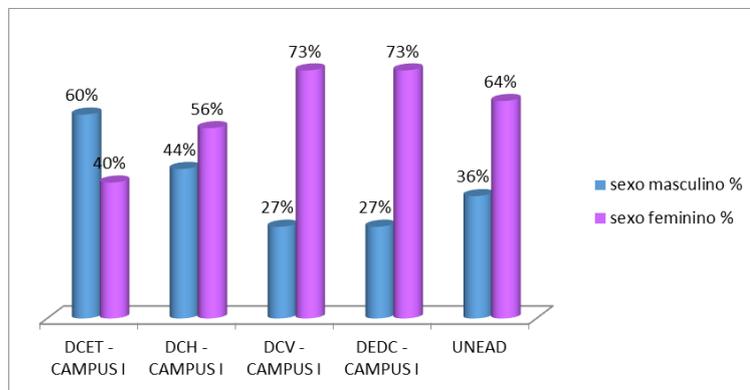
⁷ Trecho do livro de João Cabral de Melo Neto – Morte e Vida Severina.

masculina e mostrado a elevação da sua presença no ensino superior.” (QUEIROZ, 2008, p. 134). Concordando com esse dado, aqui não se inquire sobre a sua presença e, sim, como ela se configura e quais as estratégias adotadas pelas mulheres negras cotistas que acessam cursos majoritariamente masculinos.

Esse dado nos impulsiona para uma avaliação mais pormenorizada com a intencionalidade de descobrir como essas mulheres estão distribuídas nos Departamentos e cursos ofertados neste Campus, como mostra o Gráfico 2. Quando analisamos este quantitativo por Departamento, percebemos que apenas um deles agrega maior número de cotistas homens, a saber, o Departamento de Ciências Exatas e da Terra – DCET, o que representa cerca de 60% de seu quadro de cotistas negros. Apesar de nossa pesquisa versar sobre as mulheres cotistas, consideramos esse dado importante uma vez que, conforme cita Ciampa (1984)

Diferença e igualdade. É uma primeira noção de identidade. O conhecimento de si é dado pelo reconhecimento recíproco dos indivíduos identificados através de um determinado grupo social que existe objetivamente, com sua história, suas tradições, suas normas, seus interesses etc. (CIAMPA, 1984, p. 65)

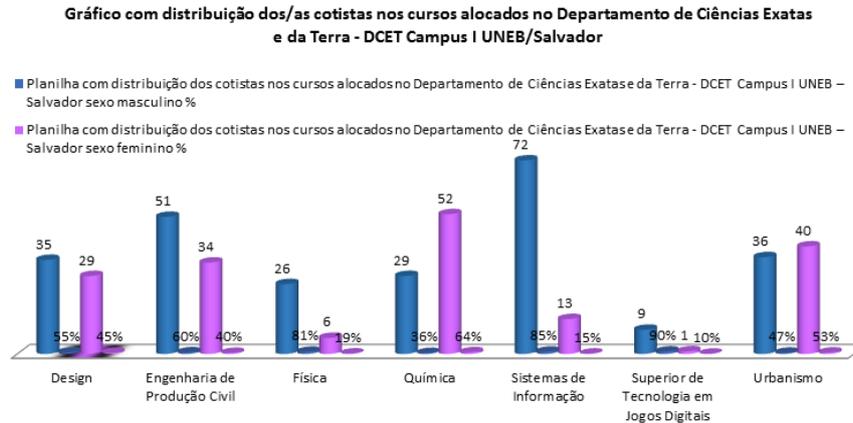
Gráfico 2 - Distribuição de cotistas por Departamento no Campus I - UNEB/Salvador.



Fonte: elaborado pela autora, após consulta à Secretaria Geral de Cursos (SGC) UNEB 2018.

Certamente, cabe análise mais aprofundada desses números. Assim, elegemos o DCET como o primeiro Departamento em que realizaremos apreciação dos cursos ali lotados, com a finalidade de saber como se dá a efetiva distribuição desses cotistas. Neste sentido, o Gráfico 3 apresenta os dados observados.

Gráfico 3 - Distribuição dos/as cotistas alocados no Departamento de Ciências Exatas e da Terra –DCET Campus I UNEB/Salvador.



Fonte: Elaborado pela autora após consulta à Secretaria Geral de Cursos (SGC) UNEB 2018.

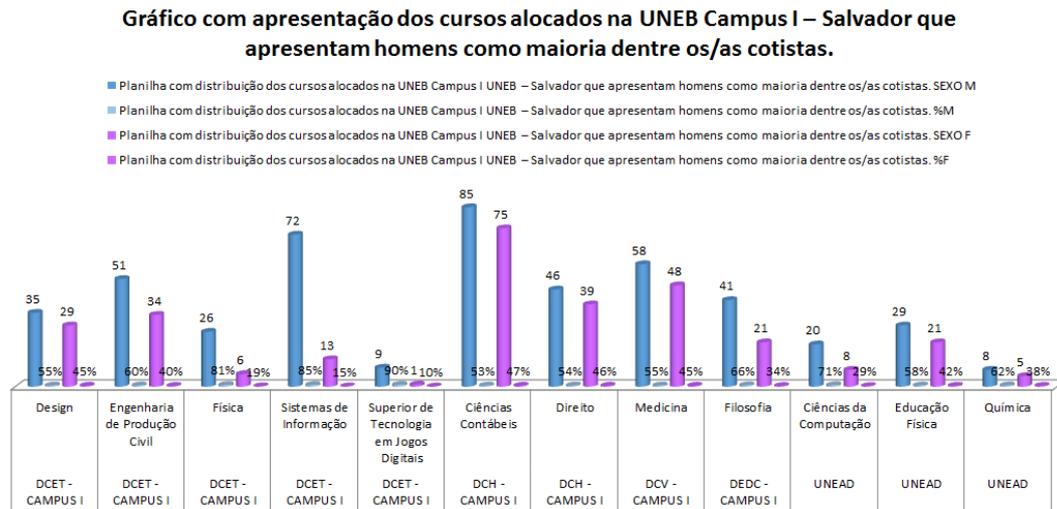
Ao identificarmos os cursos deste Departamento, os números nos revelam que, apesar de ser o Departamento que abriga mais cotistas do sexo masculino, nem todos os cursos têm em sua maioria cotistas homens. Constatamos que, dos sete cursos, apenas dois - Química e Urbanismo - possuem em seu quadro mais mulheres do que homens cotistas, em detrimento de outros cursos como, por exemplo, Superior de Tecnologia em Jogos Digitais, que chega a ter 90% do seu público de cotista formado por homens. Qual seria o diferencial desses cursos a ponto de parecer um reduto masculino em comparação aos outros, mais povoados pelas mulheres? O que atrai ou repele um ou outro? Queiroz e Santos (2016, p. 73) dizem que "o gênero, assim como a "raça", constitui um fator de determinação das desigualdades de acesso ao ensino superior, sobretudo nas carreiras de prestígio, até então tidas como reduto dos homens e brancos."

O que se observa é que também entre o mesmo segmento racial há uma elevada discrepância em relação ao gênero, o que revela que

[...] a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina" e essa dominação serve de base para a "divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos" BOURDIEU (2012, p. 18)

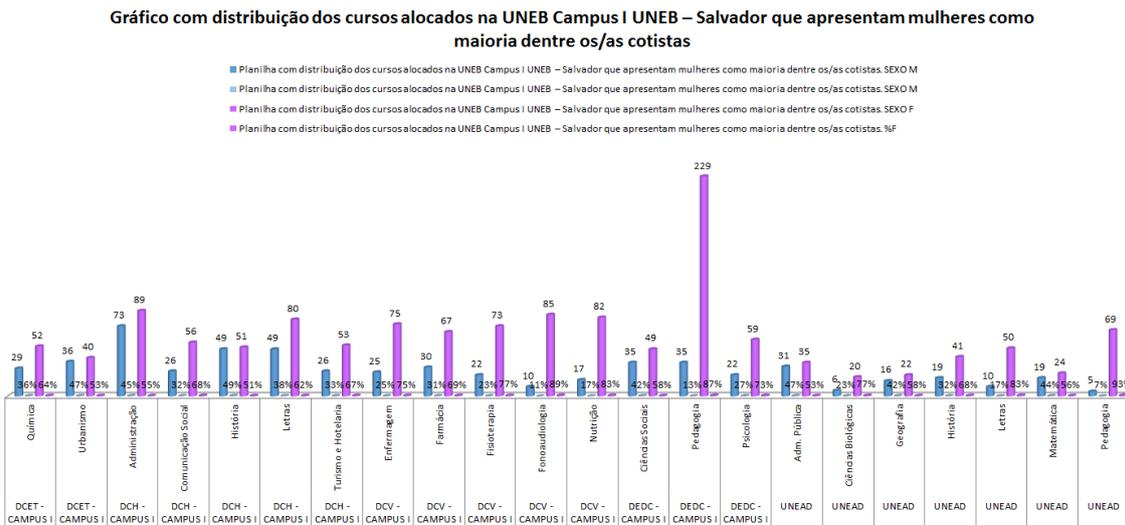
Nesse ínterim, passamos a analisar os demais Departamentos do Campus I, para ver como esses números nos apresentam. A partir dessa análise, foi possível formular o gráfico abaixo onde apresentamos de forma geral os cursos em que a maioria dos cotistas negros é do sexo masculino e outro onde a maioria é do sexo feminino.

Gráfico 4 - Cursos alocados na UNEB Campus I – Salvador que apresentam homens como maioria dentre os/as cotistas.



Fonte: elaborado pela autora após consulta à Secretaria Geral de Cursos (SGC) UNEB 2018.

Gráfico 5 - Cursos alocados na UNEB Campus I Salvador que apresentam mulheres como maioria dentre os/as cotistas.



Fonte: elaborado pela autora após consulta à Secretaria Geral de Cursos (SGC) UNEB 2018.

Quando confrontamos esses dois Gráficos 4 e 5 percebemos que, mesmo havendo presença de mulheres em todos os Departamentos, ela é bem mais discreta em determinados cursos, o que condiz com Queiroz (2001, p. 36), para quem “As mulheres de todos os segmentos raciais estão situadas predominantemente nos cursos ditos “femininos”, aqueles identificados com as tarefas do mundo doméstico [...]”. Estes são os cursos tidos como mais condizentes ao perfil feminino; perfil este socialmente construído ao longo da história e por uma relação de poder coadunando ainda com a visão de Queiroz e Santos (2016, p. 73) quando dizem que “Relações entre homens e mulheres são, portanto, relações sociais. E,

como tal, relações de poder, de força, relações que se constituíram ao longo da história da humanidade de forma hierarquizada.”.

Nesse sentido as Instituições de Ensino Superior, sobretudo as públicas, que se apresentam como espaço de promoção da emancipação humana, infelizmente, ainda têm em seu cerne a reprodução de um modelo machista, o qual tenta legitimar alguns espaços como masculino pelo prestígio e retorno financeiro que estes oferecem, relegando às mulheres o que sobrar ou o que depreenda esforços hercúleos para acessá-los. Marcia Tiburi, em entrevista ao Correio Brasiliense⁸, nos diz que

As mulheres sempre foram objeto de estereótipos. A estereotipificação é uma ação organizada por discursos e práticas que faz parte do projeto misógino historicamente lançado contra as mulheres. Onde há machismo (a versão de gênero do capitalismo), há estereotipificação do “Outro”, no caso, da “mulher” e de todos aqueles que não se encaixam no paradigma masculinista, ele mesmo uma máquina de produção de estereótipos. (TIBURI, 2018)

Essa esteriotipação sofrida pela mulher acarreta graves prejuízos, pois, por conta disso, mesmo que as mulheres busquem melhorias e se qualifiquem, para que seja possível o acesso ao mercado do trabalho ou melhores condições de trabalho, por exemplo, ela enfrenta um movimento de resistência do sistema, muitas vezes desproporcional às suas forças. Isso pode ser revelado em estudos como o intitulado “Desigualdade entre homens e mulheres no trabalho não diminui há 27 anos”, publicado pelo Portal Geledés⁹, onde afirma que “No Brasil, não há como abrir discussão sobre gênero e mercado de trabalho sem racializar o discurso.”. Esse mesmo estudo traz dados e informações sobre a quantidade de mulheres que são chefes de família, à frente de 39% dos lares brasileiros, e diz que

Se, hoje, as mulheres ganham, em média, 26% menos do que os homens, o abismo aumenta ainda mais se compararmos o salário de homens brancos e mulheres negras: em 2016, segundo o IBGE, elas ganharam, em média, R\$ 1283, comparados com os R\$ 3087 deles.

E não para por aí, ainda apresenta relatos de mulheres que sofreram o que intitulam de “A penalização profissional da maternidade”, cujo estudo traz consigo uma reflexão, pois deixa claro que há diferença não só entre homens e mulheres, mas, também, entre a mulher branca e a mulher negra. Esta última sofre ainda mais com esse sistema opressor.

⁸ <http://blogs.correiobraziliense.com.br/igualdade/entrevista-com-filosofa-feminista-marcia-tiburi/>

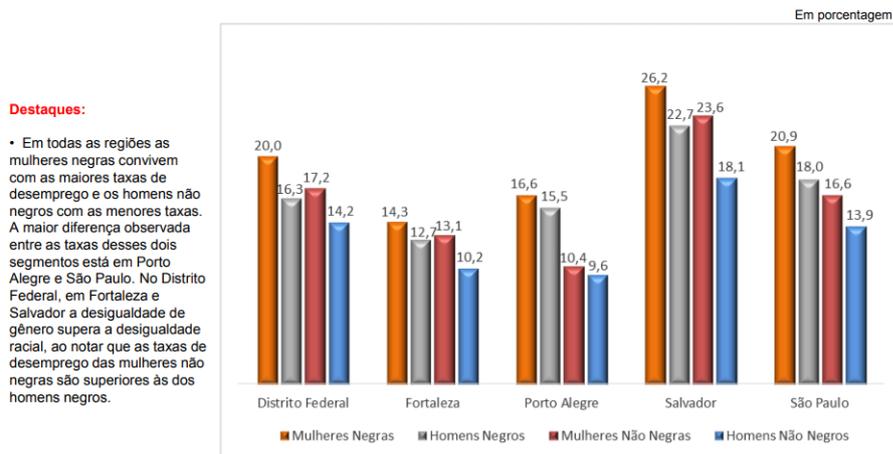
⁹ <https://www.geledes.org.br/desigualdade-entre-homens-e-mulheres-no-trabalho-nao-diminui-ha-27-anos/>

O Gráfico 6, a seguir, traz informações sobre as “Taxas de Desemprego Total segundo Raça/Cor e Sexo Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2016”¹⁰ e reafirma a posição de desvantagem sempre ocupada pela mulher negra, independente da região.

Gráfico 6 - A exclusão da Mulher Negra no Mercado de Trabalho.



**Taxas de Desemprego Total segundo Raça/Cor e Sexo
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2016**



Fonte: Instituto DIEESE, 2018.

Para Mathieu (2009, p. 223), as sociedades humanas “[...] sobrevalorizam a diferenciação biológica, atribuindo aos dois sexos funções diferentes [...] no corpo social como um todo.” Deste modo “aplicam uma “gramática”: um gênero (um tipo) “feminino” um gênero “masculino” ao macho, para que se torne um homem social”. Assim, buscamos significar esta pesquisa com as vozes das mulheres que quebram as barreiras postas e impostas pelo todo social, e que acessam os cursos majoritariamente masculinos.

¹⁰A mulher negra no mercado de trabalho metropolitano: inserção marcada pela dupla discriminação. <<https://www.dieese.org.br/analiseped/2017/2017apresentacaoNegros.html>>.

5 MULHER NEGRA: a árvore que fortalece o bosque

*“Não basta saber ler que 'Eva viu a uva'. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho.”
(Paulo Freire 2006.).*

Este capítulo analisa as falas das depoentes com o objetivo de extrair, destas, as respostas para as perguntas postas por esta pesquisa. Logo de início relatamos que, apesar de já termos realizado um recorte temporal na pesquisa, intencionando facilitar o acesso às depoentes, circunstâncias alheias à nossa programação e querer, por vezes, nos impulsiona em direção a caminhos alternativos e, esse foi o caso. Mesmo seguindo os trâmites burocráticos necessários para ter acesso às cotistas – entrar em contato com as Direções de Departamentos e Colegiados de Cursos para solicitar contato e acesso às dependências da instituição – esse caminho precisou ser remanejado, tendo em vista um acontecimento que pegou a todos de maneira abrupta, pois fomos acometidos por um vírus altamente letal, o Corona Vírus - COVID 19, que, rapidamente, transformou-se em uma pandemia mundial e obrigou que todos operassem de maneira diferente da tradicional, não mais sendo possível o acesso a diversos espaços, dentre eles à instituição, *lócus* da pesquisa. O contato direto com pessoas passou a não ser recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e, sequer, as pessoas deveriam sair de suas residências, salvo em casos de extrema necessidade. Assim, para conseguir contatar as depoentes desta pesquisa foi necessário lançar mão da ferramenta que tínhamos e, desse modo, nossa corrida passou a ser realizada por meio eletrônico, mais especificamente, por meio das redes sociais, buscando pessoas que, possivelmente, conhecesse alguém com o perfil desejado e que, conseqüentemente, conhecesse outra pessoa, criando uma espécie de boca a boca nas redes existentes.

É preciso registrar que, mesmo lançando mão dos mecanismos supracitados, e da ajuda recebida da parte de muitas pessoas, o acesso às prováveis depoentes não foi tão rápido, pois, mesmo conseguindo contatos diretos, tais como números de WhatsApp, por exemplo, apresentando a proposta da pesquisa e solicitando o apoio das mesmas, em muitos dos casos, em resposta recebemos apenas o silêncio, o que nos trouxe várias inquietações, tensões e reflexões, motivo pelo qual aqui registramos o ocorrido, o que coaduna com a fala de Goldenberg (2004), quando diz que

O pesquisador deve precisar as dificuldades e os limites da pesquisa, as pessoas que lhe ajudaram em sua entrada no campo (que são determinantes para a construção da identidade do pesquisador pelo grupo estudado), as pessoas que se recusaram a dar

entrevistas, as perguntas que não foram respondidas pelos pesquisados, as contradições apresentadas, a (in)consistência das respostas, possibilitando uma visão ampla do estudo, e não apenas dos aspectos que "deram certo". (GOLDENBERG, 2004, p. 58)

Nesse sentido, seguimos em busca das nossas depoentes, na esperança de que em algum momento houvesse resposta de alguma/s dela/s. Aos poucos, os retornos foram chegando. Algumas respondiam querendo saber um pouco mais sobre a pesquisa ou como eu consegui os seus contatos, ao que eu respondia, e, posteriormente, se colocavam a disposição ou tornavam a silenciar. Com aquelas que assentiram, conversamos até chegar a um consenso sobre a melhor forma de responder à entrevista, diante do cenário de distanciamento, chegando à conclusão que seria melhor por meio de mensagens de aplicativo WhatsApp. Assim, iniciamos as entrevistas que ficaram em número de 09 (nove) entrevistadas, sendo, 03 (três) estudantes do Curso de Ciências Contábeis; 03 (três) estudantes do Curso de Direito; 01 (uma) estudante do Curso de Design; 01 (uma) estudante do Curso de Filosofia e 01 (uma) formada no Curso de Medicina. Essa última extrapolou o nosso recorte temporal, pois ingressou no vestibular de 2012. No entanto, em função da dificuldade em contatar estudante com o mesmo perfil dentro do recorte temporal e, tendo essa as características pertinentes a este estudo, resolvemos apreciar a sua fala que muito veio a contribuir. Assim, conseguimos representações em todos os Departamentos da UNEB, Campus I/Salvador, a saber, (DCET) Departamento de Ciências Exatas e da Terra – Curso de Design; (DCH) Departamento de Ciências Humanas – Ciências Contábeis e Direito; (DCV) Departamento de Ciências da Vida – Medicina e (DEDC) Departamento de Educação - Filosofia.

Importante salientar que, o anonimato sobre as depoentes será mantido e como o título desse capítulo faz alusão às árvores de um bosque, aqui, usaremos para estas o codinome de árvores brasileiras. Essa escolha também se dá por entender que as árvores sempre fizeram parte de nossa história, nos referenciou e referencia ainda hoje, dado o nome de nosso país, e sempre foi fonte de resistência, apoio e cura. Seguindo essa linha traçamos um pequeno quadro, indicando os nomes atribuídos às nossas depoentes.

Quadro 01 - Nomes atribuídos às depoentes.

								
Jacarandá	Sumatima	Peroba-Rosa	Jequitibá- Rosa	Cedro	Gameleira	Pau-Brasil	Jatobá	Aroeira
Estudante do curso de Ciências Contábeis Ingressou no Vestibular 2014.2	Estudante do curso de Ciências Contábeis Ingressou no SUSU 2017.2	Estudante do curso de Ciências Contábeis Ingressou no Vestibular 2016.1	Estudante do curso de Direito Ingressou por no Vestibular 2014.2	Estudante do curso de Direito Ingressou no SISU 2016.2	Estudante do curso de Direito Ingressou no Vestibular 2014.2	Estudante do curso de Filosofia Ingressou no Vestibular 2017.2	Estudante do curso de Design Ingressou no Vestibular 2017.2	Formada em Medicina Ingressou no Vestibular 2012

Fonte: a autora.

As entrevistas foram realizadas conforme Roteiro de entrevista apresentado no APÊNDICE II. Para iniciar a análise das falas, como estratégia, resolvemos dividir as questões em um quadro de três grandes blocos, a saber.

Quadro 02 - Blocos de questões da entrevista.

BLOCOS	TEMAS TRATADOS
1 - Formado por 04 (quatro) questões	Período que antecedeu o acesso à universidade englobando a preparação, escolha do curso, sistema de cotas e primeiras impressões da instituição.
2 - Formado por 04 (quatro) questões	Processo de adaptação à instituição, à rotina acadêmica, à administração de conteúdos versus vida pessoal, relação com colegas, funcionários e professores, bem como o processo de manutenção do curso.
3 - Formado por 05 (cinco) questões	Sobre o/s apoio/s recebidos por parte da instituição, bons e maus momentos vividos durante o curso, e, uma última, onde ficam livres para acrescentar algo que desejem.

Fonte: a autora.

Na primeira etapa, ao analisar as respostas das entrevistadas em relação às suas escolhas de curso, não podemos evitar vincular as suas respostas ao que Bourdieu chama de *habitus*, uma vez que há vestígios de internalização, consciente ou inconsciente, daquilo que as circunda. Para Bourdieu (1983, p. 65), o *habitus* seria uma espécie de "um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações [...]". Ou seja, o sistema posto pela estrutura estruturante que compõe o *habitus* age sob o indivíduo, regulando as suas ações e, mesmo tendo opções, quando pretende ou toma uma decisão, o faz pautada em todas as experiências passadas, como se as estruturas sociais estruturassem, mesmo que de maneira inconsciente, tal decisão, criando assim, uma espécie de força motriz que direciona as suas escolhas dentro de certa gama de opções já, previamente, estabelecidas. Essas estruturas sociais são entendidas de forma ampla, englobando tudo que o cerca como igreja, estado, ideologias, por exemplo. Pois, para Bourdieu, as estruturas externas são estruturantes, internamente, no subconsciente do indivíduo e, não obstante, esses indivíduos também as estruturam, uma vez que, dialeticamente, tomam uma direção com base na reflexão, dentro de um determinado campo social. Isso se reflete nas falas que seguem.

Minha escolha tem muito a ver com a influência do meu pai, que mesmo sem formação na área, conseguiu me fazer perceber a importância de nós pretos estarmos

em cursos e áreas que decidem diretamente sobre nossas vidas. Assimilei isso, e cá estou no último semestre. (Gameleira, estudante de Direito)

Trabalhei como jovem aprendiz no setor contábil da Embasa. Nenhuma das minhas atividades da época eram, diretamente, contábeis; entretanto, a convivência despertou o interesse no curso em questão. (Peroba-Rosa, estudante de C. Contábeis)

Na verdade eu sempre fugia quando se tratava do Direito. Até pensei em outras áreas, mas no final não tive outra saída. Hahahahaha. Acabei aceitando que seria meu caminho, pq me via ocupando o espaço e defendendo o que acredito. (Jequitibá-Rosa, Estudante de Direito)

Identifiquei(-me) mais com direito porque vejo como uma profissão de escuta. Gosto de lidar com resolução de problemas, de analisar os lados de um processo. Admiro muito também a questão da argumentação. E claro, também pensei no retorno financeiro ligado à área de concursos públicos. (Cedro, estudante de Direito)

Fica perceptível que mesmo havendo motivações distintas para a escolha do curso, todas elas têm relação com a internalização de vivências, de maneira explícita ou implícita. O que pode ser exemplificado quando Gameleira diz que sofreu influência do pai que a fez perceber a importância do negro ocupar determinados espaços na sociedade. Sua fala está imbuída da ação do *habitus*, pois foi estruturada por uma ideologia, nesse caso, exposta por seu pai, quando diz que é preciso que o negro se movimente em direção da conquista de espaços que lhes são negados. Por sua vez, Jequitibá-Rosa coloca sua escolha como uma espécie de destino ou dom, não deixando evidências em sua fala, ao menos nesse momento, que de algum modo, suas escolhas se relacionam com um capital adquirido à revelia do socialmente imposto pelo *habitus* do seu campo.

Para Bourdieu não tem como se falar do *habitus* sem falar do campo, espaço de poder em constante movimento onde os agentes sociais, sejam eles indivíduos ou instituições, travam verdadeiras batalhas pela manutenção e valorização desse lugar ou de seu lugar nesse espaço. Nesse sentido, inserem em seu campo regras próprias e estabelecem condutas, assim, todos aqueles que não atenderem ao perfil, preestabelecido pelo campo e internalizado pelo *habitus*, terá seu acesso ou permanência nesse campo questionada.

Após certo tempo refletindo sobre a questão, seja por tentar rememorar os detalhes ou, quem sabe, por reviver em sua memória as emoções daquela experiência, Jatobá, estudante do curso de Design, relata que

Eu tinha acabado de sair do ensino médio e queria muito ingressar na faculdade, mesmo sem saber como realmente seria, passei no vestibular para o curso de design e fiquei alegre por isso, pois eu sou a segunda mulher da minha família a conseguir ingressar na faculdade.

Ainda refletindo sobre esse caminho, ela fala sobre as dúvidas diante da escolha de um curso e que esse também não fora a sua primeira opção e acrescentando que após a aprovação foi buscar, por meio de pesquisas, maiores esclarecimentos sobre o curso para o qual fora aprovada. Também relata com certo descontentamento que esse seu novo passo, acessando uma universidade pública, não foi valorizado ou foi visto com desconfiança por alguns familiares ou pessoas próximas. Sobre isso, fala que “eu escutei de uma pessoa próxima a mim e a minha família que eu passei por sorte. Na vida é assim, poucos acreditam no seu potencial, que você é capaz de algo, enfim [...]”. Essa sua fala, reflete um pouco das constatações bourdieusianas acerca do capital cultural que afere valores distintos aos certificados conquistados pelos diferentes agentes sociais. Encontramos também, a expressão do *habitus* na fala daquele que desacredita em sua capacidade de ingressar em um curso de ensino superior em uma instituição pública, pois no campo social em que vivem não seria comum tal façanha e Jatobá contrariou essa crença.

Outra que afirmou ter sentido incerteza na escolha do curso foi Pau-Brasil, estudante do curso de Filosofia, esta iniciou sua vida acadêmica e sua caminhada universitária na área de exatas, mais especificamente, no curso de Física, área também pouco permeada por mulheres. Ela afirma que desde o ensino médio sentia uma verdadeira fascinação pelas duas áreas e inicialmente decidiu fazer o Bacharelado em Física, contudo assinala: “mas ao decorrer do curso e do amadurecimento das ideias entendi que a filosofia iria me conduzir ainda mais ao que eu desejava naquele momento”, desse modo, “resolvi prestar o vestibular novamente. Consegui minha aprovação através do sistema de cotas raciais da Uneb.” A respeito da repercussão dessa escolha ela nos diz

Ter escolhido este curso foi um pouco difícil, a Filosofia é vista de maneira errônea e nunca foi valorizada em nosso país. As perguntas frequentes que eu ouvia e creio serem perguntas corriqueiras para qualquer estudante da área eram basicamente “Mas pra que serve filosofia?” “Quais opções de empregos na área?” “Filosofia não dá dinheiro, vai viver como?” “Filosofia vai te causar mal, te deixar doida” dentre outras de acordo com a visão que se construiu a respeito dela.

Conforme Pau-Brasil chama a atenção, o curso de Filosofia não está entre os cursos que proporcionam maiores retornos financeiros, mas, este se apresenta historicamente como um reduto masculino. Se fizermos uma breve pesquisa ao longo da história todos os grandes e famosos filósofos são do sexo masculino, a exemplo de Sócrates, Platão, Aristóteles, dentre outros, quando aqui cunhamos o termo grandes filósofos, estamos nos referindo àqueles que a academia toma como referência e que são conhecidos por, praticamente, todos os estudantes

de qualquer área do conhecimento. A Filosofia está ligada ao conhecimento, valores, razão, mente, linguagem e a constante indagação sobre a existência, temas sobre os quais o patriarcado impedia as mulheres de debaterem. Investigando com mais afinco, encontramos exemplos de mulheres que contrariaram tais imposições e conseguiram ganhar certa notoriedade neste campo, a exemplo de Gayatri Spivak, Simone de Beauvoir, Hannah Arendt, Omolara Ogundipe-Leslie, dentre outras. Importante destacar que, em sua maioria, essas mulheres trouxeram para dentro do campo, inquietações acerca do mundo feminino e opressões sofridas pelas mulheres. Ainda assim, nos tempos atuais, as mulheres são vistas com certa desconfiança dentro dessa área do conhecimento, ou seja, "[...] As regularidades da ordem física e da ordem social impõem e inculcam as medidas que excluem as mulheres das tarefas mais nobres" (BOURDIEU, 2012). Sobre isso, Pau-Brasil relata que até mesmo seus pais a pressionaram para que desistisse do estudo da filosofia e concluísse o curso anterior. No entanto, acrescenta que, atualmente, seus pais “têm outra perspectiva, uma nova visão sobre o assunto e compreendem a real importância da Filosofia, principalmente, pelo nosso contexto político atual.” Compreensão que só chegaram por conta da postura adotada pela filha em direção de seu objetivo, o que, conseqüentemente, vai de encontro com o *habitus* desse campo.

Quanto ao acesso das estudantes em seus respectivos cursos, suas falas evidenciam a criatividade inerente às pessoas que, desprovidas de finanças, agarram-se às pequenas oportunidades que se transformam em grandes alavancas impulsionando-as em direção de seus objetivos. É o que traduz falas como a de Jacarandá, estudante de Ciências Contábeis, conforme segue.

Quando me formei no ensino médio em 2014, fiz o vestibular da UNEB, mas infelizmente não passei na época. Em 2015 soube que a Uneb oferecia um curso pré-vestibular e como moro perto do Centro Social Urbano - CSU fiz minha inscrição (CSU de Narandiba).

Cursei durante todo o ano o cursinho, e por isso também ganhei isenção na matrícula, fiz o vestibular (por sinal foi atrasado por 3 meses) e passei.

Nesse mesmo sentido, outras estudantes usaram como estratégia a participação em cursinhos comunitários para ampliar e ou direcionar os seus conhecimentos em prol da aprovação no vestibular, e aqui percebemos a importância dos cursinhos gratuitos para a comunidade carente, como é o caso dos promovidos pela própria UNEB, citados recorrentemente pelas depoentes.

Estudei o ensino fundamental e médio em escola pública. Para complementar os estudos, consegui uma bolsa em um dos cursinhos pré vestibular de Salvador. Me inscrevi e participei, também, do pré vestibular da própria universidade - (Universidade para todos). (Peroba-Rosa, estudante de C. Contábeis)

Formei em uma escola pública em 2011. Em 2012 fui aluna do pré vestibular Steve Biko, porém, naquele ano não obtive êxito no curso que queria. Em 2013 ganhei uma bolsa para fazer cursinho na UNEX-UNEB e em 2014 fui aprovada no vestibular, ingressando assim na universidade. (Gameleira, estudante de Direito)

Ao terminar o ensino médio no colégio público, em Mairi, acabei me mudando para Salvador onde fiz cursinho pré vestibular com duração de um ano com foco nas universidades públicas. Sempre foi meu sonho cursar. (Jequitibá-Rosa, estudante de direito)

Em outros casos, como o de Sumaúma, estudante de Ciências Contábeis, por motivos diversos, não foi possível o seu ingresso em cursinho pré-vestibular e a sua preparação para a universidade se deu com base nos mecanismos que estavam ao seu alcance. Sobre isso, ela diz, “estudei o ensino médio no IFBA, então tive uma boa base do que cai no ENEM. estudava em casa sozinha com ajuda de livros da escola e internet”. Imbricada nessas narrativas está o foco e determinação de mulheres aguerridas que, tais quais as sementes das árvores que as representam, enfrentaram secas e tempestades até o brotar para o que seria o pontapé inicial de suas vidas acadêmicas. Sobre essa mesma questão, Aroeira, formada em Medicina, diz sentir-se privilegiada, uma vez que estudou no Colégio da Polícia Militar e pôde fazer cursinho. Assim, somando o ensino médio mais o cursinho, passava o dia se dedicando ao estudo. Nela, podemos ver uma representação do capital incorporado que, para Bourdieu (1979)

[...] dá-se na forma de disposições duráveis do organismo, tendo como principais elementos constitutivos os gostos, o domínio maior ou menor da língua culta e as informações sobre o mundo escolar. A acumulação dessa forma de capital cultural demanda que sua incorporação seja feita mediante um trabalho de inculcação e assimilação. A internalização exige investimentos de longa duração para tornar essa forma de capital parte integrante da pessoa (*habitus*). (BOURDIEU, 1979, p. 76)

Nossas depoentes reconhecem no Sistema de Cotas um grande divisor de águas, necessário para a correção de injustiças históricas. Peroba-Rosa afirma que este resulta de muitas lutas “por oportunidade e igualdade; melhor dizendo: igualdade de oportunidade.” Seguindo na mesma direção salientam que

O sistema de cotas representa uma oportunidade de novas conquistas. Infelizmente a falta de oportunidades faz com o sistema seja desigual para nós negros. O início de uma reparação histórica, já que as oportunidades estão aí, mas infelizmente somos

preteridos a todo momento. As cotas são uma nova chance de mudança. (Jequitibá-Rosa, estudante de Direito)

Simboliza a possibilidade do preto ingressar na universidade e poder ser um historiador, um médico, um psicólogo. Nosso cenário de educação superior sempre foi pautado pelo sistema de cotas para brancos, eram estes que ocupavam as salas, as melhores vagas de emprego, os melhores postos... Não que hoje seja muito diferente, porém, agora temos meios de reparar esses abismos, e um deles são as cotas. (Gameleira, estudante de Direito)

Para elas, o Sistema de Cotas para acesso as universidades públicas foi, e é, uma real oportunidade, uma vez que não havia equidade no processo de seleção, considerando o precário aprendizado dos estudantes oriundos das escolas públicas, sendo estes em sua maioria negros e pardos pertencentes a uma classe social carente não só financeiramente, mas, também, de acessos à saúde, cultura, lazer e outros. Por outro lado, o privilégio de um público de camadas elevadas, vindo de escolas particulares, em geral brancos, e que trazem em sua bagagem um extenso capital econômico, social e cultural, conforme preconiza Bourdieu (1989). Nesse sentido, Cedro, estudante de Direito, ressalta a importância do histórico familiar onde, segundo ela "muitas vezes o jovem preto será a primeira pessoa na família a ter um curso superior, isso porque seus pais, avós, etc. em sua maioria (senão todos) não tiveram instrução, então acabam valorizando mais o trabalho para ajudar em casa". Contudo, apesar de reconhecer sua situação de desvantagem social, expressa uma opinião contraditória sobre o sistema de cotas

[...] compartilho também da ideia que o sistema de cotas não é o meu preferido, embora é claro que eu não seja contra, mas é aquela velha questão que o problema principal está na educação de base. Vejo as cotas como algo que trata os sintomas e não a causa principal. É uma necessidade muito grande a manutenção das cotas para tentar equilibrar as diferenças sociais - em contrapartida, o sistema de cotas é excelente porque descentraliza o conhecimento, que sai da elite.

Para Aroeira, formada em Medicina

[...] o sistema de cotas além de exercer papel fundamental na situação atual da educação brasileira (pública) é também (e deve ser) mecanismo de reparação pela marginalização histórica do negro (e de outras minorias como, por exemplo, a UNEB ampliou para trans./ciganos, etc)... Além do óbvio de exigirmos que essa realidade da educação mude, infelizmente não tem como reparar ANOS de negação [...].

Pau-Brasil, estudante de Filosofia, constata que, atualmente, “conseguimos perceber o grande avanço e número de negros dentro das universidades e com direito à educação, é satisfatório e enriquecedor”. Mas para ela ainda não é o suficiente, por isso, conclui “Torço e

permaneço correndo atrás do que foi negado, mas que sempre foi nosso.” Essa fala traduz os pensamentos de uma mulher negra e empoderada que se recusa a ter seus direitos negados.

Como essas sementes germinam? Em seus discursos sobre a primeira impressão da universidade (acolhimento de colegas, funcionários, espaço físico e processo de adaptação inicial) percebemos que as respostas das entrevistadas eram bastante distintas, pois, considerando a subjetividade dessas conexões, bem como os sentimentos ali envolvidos, essa aproximação foi vivenciada de maneira bem peculiar por cada uma delas, considerando que “os primeiros momentos de um ato social têm valor simbólico, pois marcam uma passagem” (COULON, 2008, p. 83). Buscamos observar em suas falas como se deu esse processo e percebemos que, apesar das percepções distintas, em sua maioria elas foram norteadas pela adoção de uma postura pacífica como se por estratégia para melhor compreensão daquele espaço, conforme segue

No meu caso, como era muito tímida, me custou um pouco me sentir "à vontade" no ambiente acadêmico, mas a recepção no primeiro semestre foi legal, os professores atenciosos e a interação com os colegas foi se dando através de brincadeiras e atividades em grupo, em relação aos colaboradores da Universidade, o contato de início foi mais no período da matrícula. (Jacarandá, estudante de C. Contábeis)

Sumaúma, também teve percepções parecidas com as de Jacarandá, estudante do mesmo curso. Diz “gostei bastante da recepção, tanto dos alunos como da instituição, e até mesmo dos professores.”. Peroba-Rosa, também do curso de Ciências Contábeis, diz que apesar das surpresas comuns aos processos de adaptação, nesse caso foram positivas, sem que houvesse algo que merecesse grandes destaques. Já Jequitibá-Rosa, estudante do curso de Direito, sentiu-se ambientada e associou isso ao fato de, por coincidência, haver na mesma turma dois colegas com os quais ela afirma já ter estudado por quatro anos. Aroeira, formada em Medicina, lembra

Eu entrei bem nova na Universidade, com 16 anos, e sempre ouvi muito que não deveria estar lá com essa idade. Foi o que mais me marcou. A minha turma foi a primeira da UNEB, eu fundei o CA (Centro Acadêmico de Medicina) (CAMEB) junto com outros colegas e fui a primeira diretora do nosso Centro Acadêmico. Apesar das "brincadeiras" de que não deveria estar ali, acredito ter sido bem recepcionada, especialmente pelos professores e funcionários.

Contrastando com as falas acima, trazemos o relato de Gameleira, estudante do curso de Direito

A comunidade acadêmica é racista, porque lá os brancos concentram o conhecimento, e não estão muito abertos a socializar. Sobretudo, quando do outro lado está uma mulher preta, periférica, dreadada, e com vários outros marcadores sociais de exclusão que me apontam. Entrei consciente da minha condição. Portanto, não participei de trote, das festinhas brancas, nada disso, sou meio Malcon X.

Ao analisarmos a fala de Gameleira, percebemos a postura política adotada pela mesma que, consciente de sua condição social, explicitada no que ela chama de “marcadores sociais”, se nega à exposição em festas de grupos com ideologias diferentes das suas. Isso que, a princípio, pode parecer fuga, ao contrário, pode ser classificada como uma estratégia de fortalecimento e sobrevivência dentro da comunidade acadêmica com expressões racistas onde, segundo a mesma, “os brancos concentram o conhecimento” e se negam a partilhar com aqueles que destoam do seu ideário, parecendo aí uma expressão do *habitus* internalizado por aqueles que labutam para manterem-se detentores do saber dentro de um determinado campo. Nesse sentido, Santos (2012)

Os estudos sobre a mulher, ou Estudos Feministas, trataram de compreender os processos de construção do lugar social da mulher, denunciando as complexas redes de relações de poder que circunscreveram regras e valores assentes numa suposta desigualdade. Essas vozes denunciadoras evidenciavam as múltiplas dimensões em que as mulheres se vêm coagidas, ou ostensivamente, educadas para se portar dentro de conceitos de feminilidade cunhados pela sociedade androcêntrica. (SANTOS, 2012, p. 78)

Outro ponto que se destaca na fala de Gameleira é a maneira como a mesma usa os mesmos marcadores sociais que a oprimem como forma de contraposição ao racismo e sexismo. O que vai de encontro com a fala de Kilomba (2019) quando diz que

Mais do que a cor de pele, o cabelo tornou-se a mais poderosa marca de servidão durante o período de escravização. Uma vez escravizadas/os, a cor da pele de africanas/os passou a ser tolerada pelos senhores brancos, mas o cabelo não, que acabou tornando um símbolo de "primitividade", desordem, inferioridade e não-civilização. O cabelo africano foi então classificado como "cabelo ruim". Ao mesmo tempo, negras e negros foram pressionadas/os a alisar o "cabelo ruim" com produtos químicos apropriados, desenvolvidos por indústrias europeias. Essas eram formas de controle e apagamento dos chamados “sinais repulsivos” da negritude. Nesse contexto, o cabelo tornou-se o instrumento mais importante da consciência política entre africanas/as e africanas/as da diáspora. Dreadlocks, rasta, crespos ou “Black” e penteados africanos transmitem uma mensagem política de fortalecimento racial e um protesto contra a opressão racial. Eles são políticos e moldam as posições das mulheres negras em relação a “raça”, gênero e beleza. (KILOMBA, 2019, p.126-127)

Peroba-Rosa pode considerar-se afortunada por haver pessoas conhecidas em sua turma, o que não é tão comum, pois, no geral, a entrada na universidade traz consigo uma

ruptura das regras e padrões anteriores, aprendidos na escola básica, lançando o recém-ingressado ao anonimato e o obrigando a estabelecer novas relações com o espaço e pessoas que nele circundam. "Entrar na universidade é, em geral, perder de vista seus melhores companheiros de colégio, sentir-se isolado e anônimo no meio dos outros. É ficar silencioso mesmo estando em grupo, talvez, sobretudo, quando se está em grupo". (COULON, 2008, p. 173).

A reflexão de Coulon (2008) está mais condizente com a fala de Gameleira que logo de início sentia-se preterida naquele espaço. No entanto, é importante registrar que esse sentimento, certamente, vem de uma conscientização anterior sobre o ser mulher negra em uma sociedade como a nossa. Em sua fala, Gameleira deixa claro e até aponta alguns dos marcadores sociais nos quais a sociedade racista se ancora para acolher, ou não, em determinados espaços. Essa consciência faz com que haja uma recusa em encaixar-se naqueles padrões dominantes. Ao contrário, faz com que ela reafirme seu direito de estar ali. Nesse sentido, Carneiro (1995, p. 547) vai dizer que, “a construção da identidade é um processo que se dá tanto pela aproximação com o outro [...] como pelo afastamento do outro [...]”. Nesse caso, nossa depoente se afastou daquele outro que não se assemelha, não por medo ou revolta, mas por questões políticas/identitárias.

Agora, passamos para o segundo bloco de perguntas, onde buscaremos compreender a rotina acadêmica dessas mulheres pretas. Após as impressões iniciais, tentamos perceber em suas falas como se concretiza a relação com colegas, funcionários e professores, bem como o processo de manutenção do curso. A esse respeito Coulon (2008, p. 193) observa que

Este é o período da afiliação, ao longo do qual o estudante se torna, definitivamente, um membro. Ele é marcado, em particular, por certo manejo das numerosas regras que organizam a vida social e intelectual do trabalho universitário, manejo que se manifesta em diferentes ocasiões.

A primeira indagação desse bloco buscou inquirir sobre o cotidiano das depoentes, no seio da instituição. Perguntamos se, em algum momento, na universidade nossas depoentes se sentiram discriminadas por serem mulheres e/ou por serem negras e, se junto à sua turma, já se sentiram constrangidas com algo que tivesse relação com gênero ou cor. Em resposta a esses questionamentos Jacarandá afirma não recordar de nenhum momento. Sumaúma diz “(sinto-me) insegura, por ser mulher, quando preciso ir à universidade a noite.” Jatobá, estudante do curso de Design, narra que sofreu para adaptar-se às metodologias de ensino e que teve dificuldade de aprendizado com um determinado professor. Conta que também uma

colega de turma, ao buscar ajuda, teria recebido a recusa da parte desse professor, na ocasião teria argumentado que a universidade estaria permitindo a entrada de pessoas que não se submetiam mais ao “teste de afinidade”. A entrevistada se refere ao teste de habilidade específica que já foi uma das etapas de seleção no vestibular. Ainda sobre esse evento ela conclui “Era como se não fossemos capazes de estar ali”. Percebemos com essa narrativa a face diluída do preconceito. Essa ultrapassa as barreiras da racionalidade a tal ponto que incute no oprimido a falsa ideia de sua incapacidade. Para Santos (2012)

[...] onde a/o professora/o ocupa um lugar de poder, há um movimento teórico-prático que identifica diversas variáveis que interferem negativa ou positivamente neste processo, e que se revela não só na avaliação, mas em todo o desenvolvimento do trabalho da/o docente para que possa desencadear nos sujeitos envolvidos os conflitos cognitivos necessários à aprendizagem e ao posicionamento crítico diante do mundo. Neste sentido, prescindir do reconhecimento das dimensões subjetivas que envolvem o processo de ensino/aprendizagem, de sua complexidade, dos diversos olhares e lugares que se entrecruzam simultaneamente, e do reconhecimento da dimensão humana de cada indivíduo representa aliar-se a um processo contínuo de exclusão social alimentado por práticas perversas e autoritárias. (SANTOS, 2012, p. 103)

Aroeira, formada em Medicina, recordou um episódio e refletiu que, no momento, não se deu conta do que havia ocorrido. Diz ela

(Certa vez) Entrei na sala com uma saia branca, meio rodada, até o joelho e uma tiara no cabelo... O professor avaliador (um neurocirurgião) que nem era da UNEB, é da UFBA, olhou pra mim e falou "não é aqui". Como se eu estivesse no lugar errado. Entrei assim mesmo, assim que vi quem mais estava na sala e sabia que era ali.

Sua fala apresenta uma das principais faces do preconceito onde, de maneira subliminar, tenta calar o outro e, contraditoriamente, grita nas entrelinhas “você não pertence a esse lugar”. Esse tipo de expressão, usado pelo professor, paralisa a nossa depoente a tal maneira que ela sequer percebe, de imediato, a leitura que o professor fez sobre o seu corpo cujas roupas e indumentárias denunciavam ou criavam certo caos dentro daquele campo por mexer diretamente com o *habitus* daquele grupo. Podemos também inferir que a fala do professor está substanciada em um racismo estrutural que trata o negro de maneira generalizada, fadando-os à exclusão em determinados espaços povoados por brancos.

Há outras observações que foram trazidas por Pau-Brasil, estudante do curso de Filosofia, que fez uma leitura minuciosa sobre seu novo espaço dizendo que, apesar de haver pessoas negras e brancas em seu curso, este era, visivelmente, masculinizado e que a aproximação “inicialmente, se deu entre os meus, até conhecer o território que estava

lidando”. Ou seja, ela buscou acolhimento junto a pessoas que estavam mais próximas de suas memórias afetivas, seja por conta de sua origem social, racial, ideologia ou gênero como mecanismo de proteção e fortalecimento.

Outra constatação foi sobre os funcionários da instituição, quando reflete que

Os funcionários de limpeza do departamento era majoritariamente atuado pelo público feminino e mais precisamente por mulheres pretas enquanto que nas cadeiras dos docentes o domínio era da figura masculina e branca.

Ainda sobre isso ela fala do modo sutil, ou até mesmo gritante, que o racismo se estabelece e tenta naturalizar os papéis sociais. Quando ela ressalta a alocação dos funcionários caracterizados por maioria de mulheres pretas, ela chama atenção à forma estruturada do racismo que, aliado ao sexismo, impele às mulheres negras o lugar de subalternidade. Quando Souza (2009, p. 21) faz uma análise da maneira generalizada que a elite trata as classes sociais não pertencentes a esse grupo, o autor cunha o termo “ralé”, pois assim eram classificados os que não se encaixavam no campo dos privilégios. Aqui trago um trecho de sua fala que não é direcionada à mulher ou a população negra, mas sabemos que esses fazem parte do grupo menosprezado pelos detentores dos espaços de poder.

Essa classe social, que é sempre esquecida enquanto uma classe com uma gênese e um destino comum, só é percebida no debate público como um conjunto de “indivíduos” carentes ou perigosos, tratados fragmentariamente por temas de discussão superficiais, dado que nunca chegam sequer a nomear o problema real, tais como “violência”, “segurança pública”, “problema da escola pública”, “carência da saúde pública”, “combate à fome” etc. (SOUZA, 2009, p. 21)

Outra reflexão que trazemos acerca da fala de Pau-Brasil somada à análise de Souza (2009), é a importância do olhar sensível de pessoas como as mulheres negras, advindas de classes sociais não privilegiadas que quebram a cultura da invisibilidade lançada sobre alguns grupos e apontam em seu cotidiano o racismo e sexismo estruturantes que não devem ser naturalizados, ao contrário, devem ser questionados e combatidos.

Por sua vez, Peroba-Rosa, estudante do curso de C. Contábeis, diz

A universidade abriu meus olhos no quesito aceitação e respeito. Hoje, o meu pensamento sobre tais questões são totalmente diferentes de quando entrei.

Acredito que ser universidade é aceitar e respeitar o outro; ainda mais quando se trata de universidade pública - o nome é auto explicativo-. É bem verdade que nem todos defendem a importância das cotas e, por esse motivo, já me vi em situações, dentro da sala de aula, em que os debates negativos sobre cotas me desagradou. Exceto esses episódios, nunca me senti discriminada por quaisquer outros motivos.

Gameleira e Jequitibá-Rosa, ambas estudantes de Direito, a essa questão respondem, respectivamente, que

Dos 46 alunos da minha sala, no primeiro semestre, tínhamos 10 negros. Hoje, no 10º, só restaram 6. A evasão é grande, uns desistem pela falta de dinheiro, outros pela discriminação. Não me adaptei a minha turma, muitos na sala nunca falei, há uma nítida separação naquele ambiente, a ponto de brancos sentarem de um lado, pretos do outro. (Gameleira)

Ser mulher e negra não é fácil. A todo o momento vemos e ouvimos questionamentos a respeito do nosso espaço. Na universidade não seria diferente, mesmo sendo ditada com universidade inclusiva pelo seu caráter social, às pessoas as quais contribuem ainda não estão tão evoluídas quanto aparentam ser.

Lembro quando comentei sobre o tema do meu TCC, versar sobre saúde mental das mulheres negras no curso de Direito, tive que ouvir que jamais houve diferença de tratamento por ser mulher ou negra na universidade. Sobretudo que racismo lá não existia, foi algo que realmente sangrou meus ouvidos, ainda mais vindo de um professor claramente misógino.

Sim, já me senti constrangida em diversas situações seja nos exemplos em sala de aula ao próprio tratamento dado aos alunos. (Jequitibá-Rosa)

As falas acima trazem à tona a concretização das ações do racismo institucionalizado, aquele que ocorre com o “estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder.” (ALMEIDA, 2019, p. 26). Assim, as ações dos representantes institucionais, nesse contexto figurados pelos docentes, ora negam-se a enxergar as engrenagens opressoras expostas em sala de aula, ora viram o próprio agente opressor ao negar a fala de pessoas com percepções da realidade diferentes das suas. Nesse sentido, Almeida (2019) diz que

Isso faz com que a cultura, os padrões estéticos e as práticas de poder de um determinado grupo tornem-se o horizonte civilizatório do conjunto da sociedade. Assim, o domínio de homens brancos em instituições públicas – o legislativo, o judiciário, o ministério público, reitorias de universidades etc. – e instituições privadas – por exemplo, diretoria de empresas – depende, em primeiro lugar, da existência de regras e padrões que direta ou indiretamente dificultem a ascensão de negros e/ou mulheres, e, em segundo lugar, da inexistência de espaços em que se discuta a desigualdade racial e de gênero, naturalizando, assim, o domínio do grupo formado por homens brancos. (ALMEIDA, 2019, p.26)

Ao negar o *lugar de fala* do outro o *habitus* daquele grupo é fortalecido. Para Ribeiro (2017)

Não poder acessar certos espaços, acarreta em não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades,

meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive até de quem tem mais acesso à internet. O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. (RIBEIRO, 2017, p. 64)

Sobre suas relações com os colegas de sala do sexo masculino, a maioria assentiu que era tranquila sem maiores entraves, sendo que algumas usavam estratégias específicas para manter a boa relação, a exemplo de Gameleira que “Só mantinha relação com os gays, porque com os heteros era muita briga”. Aqui, a depoente apresenta outro marcador social que vai de encontro com as expectativas da cultura patriarcal, a homossexualidade. Esse marcador lança sobre o indivíduo diversos estigmas depreciativos, o que os coloca na mesma luta pela reafirmação de espaço, direitos e respeito social. Percebemos que sua fala se assemelha à fala de Pau-Brasil, estudante de Filosofia, quando disse que no processo inicial de adaptação a universidade buscou acolhida entre os seus.

Jequitibá-Rosa, apesar de afirmar ter uma relação tranquila com seus colegas de turma, diz não se deixar “abalar pelo machismo imposto que é o molde do meu curso.” Pau-Brasil, estudante de Filosofia, é quem traz maiores detalhes sobre os enfrentamentos em sala associados ao gênero. A passagem que se segue, narrada pela depoente, nos faz tomar de empréstimo a fala de Kilomba (2019), quando revela sua memória de infância ao lembrar-se da máscara imputada à Anastácia que, escravizada, recusava-se a silenciar diante dos destratos de seus algozes. No trecho de seu livro chega até mesmo a traçar as características e forma de uso daquele instrumento de tortura e, sabiamente, na sequência nos apresenta a boca como “um órgão muito especial”, que vem a simbolizar a fala “e a enunciação.” Trazendo para a atualidade percebemos que essa máscara tomou outras roupagens, mas continua a desempenhar o papel de tentar impor o silenciamento para a manutenção da ordem dominante.

[...] por diversas vezes nós fomos silenciadas, impedidas de falar, interrompidas nos nossos discursos ou nos momentos que quisemos tirar dúvidas. Inúmeras vezes nossos colegas falaram mais altos para que nossas vozes sumissem, os professores deram mais oportunidades para os homens falarem do que as mulheres, ou deu tratamento diferenciado. (KILOMBA, 2019, p. 33)

Tais posturas não foram aceitas pelas estudantes da turma que buscaram estratégias para coibir aquelas ações. Os mecanismos usados pelas estudantes foram bem pensados e alicerçados de forma coletiva, corroborando com Almeida (2019, p. 28), quando afirma que “conflitos intra e interinstitucionais podem levar a alterações no modo de funcionamento da

instituição”, o posicionamento desse grupo tende a criar ressonâncias positivas não só sobre a turma, mas, também, sobre todo o curso

Reunimos as colegas da turma e debatemos sobre isso, (inclusive, criamos um grupo de estudos que trabalha questões de gênero e raça além de estudar filósofas que tiveram seus escritos silenciados e seus trabalhos invisibilizados) decidimos levar nas reuniões do departamento as violências que vínhamos sofrendo para tentar desconstruir a estrutura sexista e machista da qual os homens também são vítimas e para nossa felicidade parece que nosso trabalho vem dando certo, pelo menos dentro da turma. Nós passamos a desenvolver um diálogo aberto com nossos colegas e com alguns professores que temos mais afinidades. (Pau-Brasil, estudante de Filosofia)

Ainda sobre a sua relação com as demais pessoas da universidade, ela fala sobre os olhares questionadores recebidos por conta de seu *black*, bem como, perguntas a respeito de como o penteia. Sem se alongar em detalhes fala sobre um colega branco da turma que é declaradamente contra as cotas. Assim, conclui, “A relação com a figura masculina poucas vezes será 100%, porém tive o prazer de criar bons laços afetivos por pelo menos três amigos”, aqueles que aparentam ser mais sensíveis às questões de gênero e raciais.

Seguimos querendo saber sobre as principais dificuldades encontradas por essas estudantes para manter-se no curso. A maioria apontou para as questões financeiras, saudades da família, para as que são do interior. Também aparece a dificuldade de articular trabalho e estudo e, em alguns casos, também inclui a postura de alguns professores e a imposição de um modelo a ser seguido. Dizem as entrevistadas

Atualmente trabalho em comércio de domingo a domingo com direito a 4 folgas ao mês, e é dessa forma que continuo presente no curso. É difícil e bastante puxado, as minhas folgas na verdade não são folgas, são como trabalho em setor e ambiente diferente, é o momento que tenho para fazer as tarefas da casa, lavar roupas, cuidar da alimentação, fazer compras e estudar o que não foi possível nos dias de trabalho. Não sei se posso dizer que dou conta, pois sempre falta algo pra fazer. Mas, se não for dessa forma não será de nenhuma outra, impossível viver numa cidade grande com várias contas para pagar sem nenhuma fonte de renda. (Pau-Brasil, estudante de Filosofia)

[...] lidar com determinados professores, que diferenciam o tratamento de um grupo de alunos para outro grupo, é um dos principais pontos negativos [...] acredito que a avaliação fica muito subjetiva da parte dos professores digo em relação as matérias mais teóricas (que é a grande maioria das matérias). (Jacarandá, estudante de C. Contábeis)

O direito exige uma linguagem, uma vestimenta, um comportamento que tem pouco a ver comigo. Esse é um processo de adaptação diário, para além disso, lidar com o racismo e misoginia diária de cada dia é cansativo. (Gameleira, estudante de Direito)

Ao refletirmos sobre as falas das depoentes nos colocamos a pensar sobre o desafio que é para cada uma delas o desenvolvimento positivo do que Coulon (2017) chama de

“Ofício de Estudante”, nome atribuído às atividades acadêmicas desempenhadas pelos estudantes no decorrer de seu curso. Para o autor, esse ofício tem características e modo de fazer próprios, o que requer traquejo por parte do estudante. Sobre isso, ele questiona

Que competências culturais e intelectuais os estudantes devem colocar em funcionamento para se tornarem profissionais em seus estudos? Como fazer com que eles ultrapassem a cultura do ensino médio, para lhes propor uma nova cultura, mais complexa, mais sofisticada, e portanto mais difícil de decodificar e se apropriar posto que mais simbólica? (COULON, 2017, p. 1242)

A fala supracitada nos faz inferir que o autor versa sobre o prisma do professor, o que nos traz as mesmas indagações, agora, sobre o prisma do estudante, especialmente, quando a universitária em questão, para além do ofício de estudante exerce outros ofícios. Aqui empregamos o plural por considerar que, no caso das mulheres, ainda existe outra jornada, aquela socialmente normatizada, que tem haver com os afazeres domésticos e cuidados com o lar. No caso das mulheres negras, pertencentes à camada social desprovida de privilégios, o equilíbrio entre todos esses ofícios ou funções torna-se um verdadeiro malabares, principalmente, em função de, em meio a tudo isso, estar os jogos e as disputas de poder de cada campo.

De modo que, encontramos diversas expressões da teoria bourdieusianas nas falas das depoentes, a exemplo da fala de Pau-Brasil, quando diz ser “impossível viver numa cidade grande com várias contas para pagar sem nenhuma fonte de renda”, refletindo o poder do capital financeiro que é uma expressão do capital cultural. Anunciamos a violência simbólica na fala de Jacarandá quando narra a forma violenta que é tratada por alguns professores no seio universitário. E, por fim, quando Gameleira constata o *habitus* que rege aquele campo e se coloca de maneira contrária a ele.

A respeito das estratégias das estudantes para se manterem no curso, Peroba-Rosa, estudante de Ciências Contábeis, reflete

Pergunto(-me) a mesma coisa! Do meio do curso pra cá, acabei desencadeando problemas psicológicos; problemas pessoais, cobrança acadêmica... tem sido uma guerra pessoal contínua. Mas, acredito que a melhor resposta seja: um dia de cada vez!

A fala de Peroba-Rosa nos traz um dado muito preocupante que é a questão da saúde mental dessas mulheres que sofrem diariamente por conta das mazelas que o racismo lança sobre elas, o que, em muitos dos casos, culmina em morbidade física e até mesmo depressão.

Jacarandá, estudante de C. Contábeis, diz que o primeiro ponto positivo é que ela não precisa pagar aluguel, já que reside na casa da mãe, no entanto, precisa fazer uso de outras estratégias para conseguir estudar. Como mora, relativamente, próximo à universidade, “com falta de transporte, optava por voltar pra casa andando, assim pagava apenas um transporte por dia e cheguei a estagiar, mas no momento estou parada (infelizmente).” Outra estudante que, assim como Peroba-Rosa, demonstrou sinais de exaustão foi Jequitibá-Rosa, estudante de Direito, ela diz que, a todo o instante procura forças para prosseguir “Tem dias que são complicados, tanto pelo desgaste físico (quanto) desgaste mental. Manter (-se) na Universidade é uma luta diária.” Na mesma direção, Gameleira, estudante de Direito, fala que “é muito pesado conciliar as demandas pessoais e acadêmicas, como não consigo fazer duas coisas ao mesmo tempo, estou sempre lidando com uma balança, o que for mais importante naquele momento, priorizo”.

Ou seja, dentre os diversos enfrentamentos dessas estudantes a questão financeira vem a agravar as suas ansiedades, pois, em detrimento de um estudante de família abastada que o capital financeiro e cultural de seus pais lhes permite concentrar todas as suas atenções nos estudos e com o auxílio dos recursos materiais que forem necessários, os estudantes das classes pobres, além de não ter o auxílio do capital financeiro de seus pais, precisam criar estratégias para tentar suprir a falta de material físico necessário para um bom resultado de seus estudos e da manutenção de um bom rendimento. Percebemos nas falas das depoentes que as questões financeiras permeiam a maioria das dificuldades por elas citadas, sobre isso, Jatobá lamenta “tive dificuldades para a compra de materiais exigidos, na compra de *notebook* que é muito essencial para o meu curso”. A violência simbólica à qual essas estudantes são submetidas em função de seu campo social condiz com a fala de Bourdieu (1977, p. 496) quando afirma que “o sistema educacional preenche a função de legitimação da ordem social.” É como se as estudantes pertencentes a determinados campos sociais precisassem enfrentar uma gigantesca corrente invisível que as empurram em sentido contrário de seus objetivos, o que requer um exaustivo esforço físico e mental.

É assim que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a domesticação dos dominados (BOURDIEU, 1989, p. 11).

Fechado esse bloco, passamos para o terceiro e último, onde tratamos sobre o/s apoio/s recebidos por parte da instituição, os bons e maus momentos vividos durante o curso e, uma última, onde ficam livres para acrescentar algo que desejem.

De todas as estudantes, a única que afirma não ter sofrido com questões financeiras, até mesmo por ter seus rendimentos pautados em uma bolsa de extensão que passou a receber, foi a Aroeira, formada em Medicina.

Sobre apoio e ou auxílio financeiro da parte da instituição, algumas delas, por motivos distintos, nunca receberam nenhum tipo de ajuda de custo, outras já receberam bolsas de monitoria de ensino, bolsa do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde), Programa Mais Futuro ou Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). Fora isso, já atuaram em estágio remunerado, externo à instituição. Peroba-Rosa lembrou, com pesar, que até conseguiu um estágio, recentemente, antes da pandemia/quarentena, no entanto “Quando começou (a quarentena), fui liberada.”

Sobre já ter sido tratada de forma diferenciada por algum/a professor/a por conta do seu gênero ou sua cor recebemos respostas variadas: uma afirmou que não; outras tiveram dúvida, não sabiam precisar se tal episódio pelo qual passou teria ou não ligação com seu gênero ou cor, como fica explícito na fala de Jacarandá, estudante de Ciências Contábeis, ao explicar sobre situações vividas em sala

talvez já tenha passado, pois além de ser negra, também sou "pobre" (no sentido financeiro), pois já notei a diferença no tratamento entre eu e algumas outras pessoas da turma em relação aos alunos de família rica, cuja todas tem o tom de pele claro.

A fala de Jacarandá nos leva a pensar o quão subliminar é a violência sofrida pelas pessoas de determinado campo social, pois a lógica racista incute em seus subconscientes que aquele incômodo sentido diante de uma situação de discriminação não passa de impressão, naturalizando, assim, violências cotidianas, o que vem de encontro à fala de Bourdieu (1998), que segue

[...] para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. (BOURDIEU, 1998, p. 53)

Em sua fala, Bourdieu refere-se às crianças, mas podemos tomá-la de empréstimo e ampliar o seu sentido a todos os níveis de ensino, inclusive ao ensino superior, palco desta

pesquisa. Na fala de algumas depoentes aparece a indignação sobre os momentos que se sentiram tratadas de forma diferenciada por conta do seu gênero ou sua cor, a exemplo do que segue

Sim. Teve uma vez que eu raspei as laterais do cabelo e coloquei uns desenhos loucos, acho que no 6º semestre. Assim que cheguei, às 08 horas da manhã, o professor virou pra mim e falou: “é percebam que a gente consegue perceber o fracasso de algumas pessoas de longe, tem gente aqui que não tem cara de direito, nem deveria estar nessa sala, mas insiste em ficar.” Lembro que o pedi para que definisse qual seria a cara do direito, obviamente, não respondeu. (Gameleira, estudante de Direito)

Sim, já notei que dois professores específicos não me tratam como tratam meu amigo de olhos azuis e a minha colega branca de classe média. A atenção não é a mesma, o olhar não é o mesmo, a forma de falar também é diferenciada. Já tive que ouvir piada machista e sexista dentro da sala de aula e não poder dizer nada, pois me sentia uma estranha diante daquele professor que fazia me parecer invisível na sala. Sendo assim, era mais fácil e confortável ouvir aquelas pérolas do que tentar debater e depois sentir medo de qual poderia ser a resposta posta sobre mim, o medo de ser constrangida na sala de aula. (Pau-Brasil, estudante de Filosofia)

Tem um professor (negro) que é um dos piores na universidade. Já tive muitos entraves com ele... Ele dizia que universidade não é lugar de quem não pode arcar com a despesa de estar na universidade. Já que a universidade não tem obrigação de pagar auxílio permanência nem nada do tipo. Esse também era o professor mais machista que tive contato. Sempre com piadas de médico e enfermeira, coisa sempre muito sexual até em relação a paciente do sexo feminino. Enfim... De modo geral, eu percebia que ele tinha mais afinidade com homem bizarro igual a ele. (Aroeira, formada em medicina)

Na direção da fala de Aroeira, formada em Medicina, Santos (2013) traz que

Diante de realidades tão perversas, de desigualdades tão profundas, sobretudo no campo educacional é compreensível que o senso comum compartilhe a crença de que existe uma relação direta entre atributos físicos e características de ordem moral e intelectual. Esta ideologia, fruto de uma acepção acrítica da realidade, contribui, muitas vezes, para que a sociedade, em geral, naturalize os processos discriminatórios, e os negros, em particular, reforcem sentimentos de inferioridade e de negação do próprio “eu”. (SANTOS, 2013, p. 31)

Ou seja, a postura do professor negro, narrada por Aroeira, vai de encontro com essa negação do próprio “eu”, pois estando ele em uma condição de privilégio, desconsidera e ou nega suas origens reforçando e naturalizando a postura machista e sexista, na tentativa de aproximar-se da figura que admira nesse caso, o branco dominante. É como se esse professor vivesse uma verdadeira alienação, uma vez que em sua postura fica clara a adoção de padrões sociais opressores e ele busca a todo o momento ser aceito, o que para Fanon (2008, p. 95) “Se ele se encontra a tal ponto submerso pelo desejo de ser branco, é que vive em uma sociedade que torna possível seu complexo de inferioridade”. Nesse sentido, o professor

encontra reforço na falsa aceitação dos que Aroeira nomeia como sendo “homem bizarro igual a ele”.

No que se refere aos momentos mais difíceis vividos durante o curso, aparece a frustração de ter se esforçado para estudar determinado assunto e o engessamento do processo avaliativo não ter considerado tal esforço. Sobre isso, Jacarandá, estudante de C. Contábeis, confia “cheguei a me perguntar se sou menos competente que meus colegas e em algumas situações com professores que me senti um tanto visada (perseguida) [...]” Peroba-Rosa diz que variou muito de um ano para o outro e também associa a seu estado emocional, não citando algo específico. Já Gameleira é explícita em sua fala impregnada de lamento

A segregação sempre foi adocedora. Mas o momento mais difícil foi quando uma amiga preta viajou para Itália e no retorno, um colega branco esquerdista (rs), em meio à sala de aula a perguntou porque tinha voltado, queria saber se a prostituição no país estrangeiro não tinha dado dinheiro. Depois disso ela enlouqueceu, achava que os professores a perseguia por ser preta que davam exemplos de prostitutas na sala a encarando. À época tentei alertar ao diretor do departamento, mas de nada adiantou, resultado, a amiga preta largou o curso, e o colega branco formou.

Tal pergunta traz reflexões e temores a Jequitibá-Rosa que diz "ao decorrer do curso enfrentei adaptação, perdas, angústias, medos, alegrias e conquistas. Nunca foi fácil, principalmente quando existem, a todo o momento, as incertezas de manutenção do curso."

Sobre os momentos mais prazerosos vividos durante o curso, por unanimidade, está o conhecimento adquirido, mesmo quando estes não se reflitam em notas. Aparecem também as boas relações estabelecidas, os seminários que conseguiram construir, a entrega de projetos que conseguiram concluir e até mesmo a lembrança da aprovação no vestibular e o tão sonhado e esperado momento da colação de grau, colocado como uma expectativa que nutre suas permanências.

6 IDEIAS CONCLUSIVAS: Não queremos “cova medida”, brotando além da terra dividida

Qual a parte que te cabe desse latifúndio? Esse é um trecho do poema intitulado Funeral de um Lavrador, de João Cabral de Melo Neto, cantado por Chico Buarque de Holanda, que, aqui, tomamos de empréstimo para fazer analogia aos espaços permeados pelas mulheres negras cotistas no ensino superior.

Nessa mesma direção intitulamos os demais capítulos, tal qual esse que compete às considerações finais, onde usamos o termo “cova medida” que no poema é usado para indicar o único espaço destinado ao pobre lavrador que, privado de ganhos consideráveis e do capital social, cultural e econômico, sonhou, em vida, em ter o seu pedaço de chão, bem físico ao qual atribuía grande valor simbólico.

O *locus* para esse estudo foi a Universidade do Estado da Bahia, Campus I, Salvador. A UNEB foi uma das instituições pioneiras na implantação do Sistema de Cotas, dada a sua *multicampia* ela consegue capilaridade em, praticamente, todos os municípios do estado da Bahia, o que ressalta a sua importância não só para a população soteropolitana, mas, também, para a população baiana, nordestina e brasileira.

Ao decorrer da investigação buscamos respostas para as interrogações postas e fomos realizando diversas descobertas. Com o trato e análise das informações cedidas pela instituição, conseguimos identificar o universo de cotistas pretas e pretos que ingressaram nos cursos ofertados no Campus I, UNEB/Salvador dentre o período de 2014.1 até 2018.1, recorte feito intencionando para facilitar o contato por tratar de ingresso recente. A partir daí destacamos os cursos que vinham de encontro ao interesse dessa pesquisa. Assim, dos 25 (vinte e cinco) cursos ofertados afunilamos para o total de 09 (nove) distribuídos dentre os 04 (quatro) Departamentos da UNEB, Campus I, Salvador. Desses 09 (nove) foi possível contatar 09 (nove) depoentes em 05 (cinco) cursos diferentes, a saber, Design, Ciências Contábeis, Direito, Medicina e Filosofia.

A partir do diálogo com nossas depoentes buscamos identificar as estratégias utilizadas para acesso e permanência nesses cursos considerados de prestígio e ou majoritariamente masculinos, dado *status*, valor social e retorno financeiro atribuído aos formados nestas áreas.

Nas falas analisadas descobrimos vestígios dos estratagemas utilizados para acesso à universidade, entre os quais destacamos que a maioria buscou apoio de cursinhos comunitários gratuitos, uma vez que era desprovida de recursos para custear um curso

particular, o que foi evidenciado nas falas das depoentes que citam diversos cursinhos comunitários dos quais participaram, inclusive a maioria deles promovido pela instituição *locus* desta pesquisa.

Também utilizaram outros mecanismos para que pudessem ampliar os seus conhecimentos, estudando em seu tempo vago em casa; e/ou, até mesmo, alongando o tempo de permanência nas instituições onde cursaram o ensino médio como foi o caso de Aroeira, formada em Medicina, que passava o contra turno escolar na instituição onde estudava para aprimorar os seus conhecimentos; se mantendo atentas às atualidades, fazendo leituras de jornais, revistas e afins. Outro dado a acrescentar é que, mesmo tímidas, temerosas ou com dúvidas, todas elas tinham uma noção, mesmo que superficial, dos seus direitos, espaço social em que habitavam e do papel mobilizador da educação, isso fica perceptível a partir da explanação das depoentes sobre a importância e atual necessidade do sistema de cotas para acesso à universidade, bem como, quando elas se contrapõem a manifestações preconceituosas e ou desrespeitosas acerca de suas capacidades para estar naquele espaço. Suas falas apresentam uma espécie de autoanálise, onde traçam o que Gameleira, estudante de Direito, traduz como sendo “marcadores sociais de exclusão” que por vezes foram erroneamente usados na tentativa de alocá-las em um espaço de submissão.

Quanto à permanência na Universidade, muitas estratégias foram e estão sendo usadas, em meio a um turbilhão de sentimentos e acontecimentos sociais, políticos e individuais. Ao analisar as falas das depoentes inferimos que das diversas estratégias externadas, todas elas estão ancoradas na percepção sobre si, no autoconhecimento e movimento retroalimentativo de fortalecer-se, fortalecendo e empoderar-se, empoderando, pois mesmo com narrativas dolorosas de momentos vividos no seio da Instituição, pelo fato de ser mulher e negra pertencente a outro espaço social, demonstram que fizeram uso de tais acontecimentos para fortalecer as suas identidades, o que pode ser traduzido pelo relato de Pau-Brasil que, a partir de agressões sofridas no seio da turma, uniu força com as/os colegas transformando o ocorrido em objeto de estudo e com o apoio da instituição conseguiu para além de posicionar-se mudar a aura de rispidez direcionada às mulheres daquela turma. Com isso, se fizeram ouvir, criaram ações coletivas, dialogaram com os seus algozes, fortaleceram laços e vínculos com os seus, não obstante, reafirmaram suas competências para usufruir daquele espaço, recusando-se a encaixar-se em uma “cova medida”, uma vez que tinham e têm ciência de seu potencial de existir para além de uma terra, previamente, dividida, o que nesse caso seria um lugar de subalternidade.

O fortalecimento emocional aparece como fundante para a permanência e enfrentamento dos obstáculos cotidianos. Em suas narrativas aparecem traços dos abalos psicológicos sofridos, em alguns casos precisaram recorrer à ajuda profissional para superar, como foi o caso de Pau-Brasil, estudante de Filosofia, em outros casos o abalo foi tamanho que veio a ceifar as forças da estudante culminando na desistência do curso, como aconteceu com a colega de Gameleira, estudante de Direito, que narrou o fato e lamentou o ocorrido. Os relatos das depoentes são fortes, mas, sobretudo, trazem a fortaleza de mulheres que, assim como as árvores no bosque enfrentam bons e maus tempos e em seu dia a dia vivem as dores, as alegrias e enfrentamentos de ser quem são, pois mesmo feridas seguem firmes e fortes expandindo suas raízes e se fortalecendo para seguir crescendo em direção aos seus objetivos.

Assim, os dados obtidos nessa pesquisa indicam que mesmo ponderando todos os pesares que perpassam sobre a presença da mulher negra na educação superior, essa tem sido uma alavanca para a consecução da tão almejada equidade e emancipação feminina, o espaço por estas acessado, vivido e em muitos casos remodelado também foi e está sendo modificado por suas presenças, o que causa efervescência no *habitus* desse campo.

Importante salientar que esta pesquisa não se encerra nessas ideias conclusivas, uma vez que ao decorrer de seu desenvolvimento surgiram questões outras que não teríamos como abraçar, ao menos não nesse momento. É salutar acrescentar também que fica aberto para que outras e outros pesquisadoras/es, caso desejem, venham a buscar novos achados, com base, quem sabe, em prováveis sementes plantadas por este estudo. Reafirmamos o potencial das vozes que aqui emergiram contando suas histórias e vivências o que pode vir a contribuir significativamente para que outras mulheres advindas de classes populares venham a se fortificar e a repensar suas possibilidades.

Em oportuno ressaltamos que nessa caminhada não estávamos sozinhas e sim na companhia de grandes autoras e autores que nos permitiram beber em suas fontes de sabedoria. Destacamos também a imensa contribuição de cada uma das depoentes que, em meio aos seus afazeres e diante do estado de tensões e apreensões que estamos vivendo, por conta da pandemia causada pelo Corona Vírus - Covid-19, reservou uma parcela de seu tempo para nos agraciar com as suas falas, condição *sine qua non* para o fechamento dessa pesquisa.

REREFÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BOURDIEU, O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. *In*: Ortiz, R. (Org.). **Bourdieu (Coleção Grandes Cientistas Sociais)**. São Paulo: Ática, 1983. p. 46-81.

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 73-79 (3. ed., 2001).

BOURDIEU, P. Cultural reproduction and social reproduction *In*: KARABEL, I., HALSEY, A H. **Power and ideology in education**. New York: Oxford University, 1977. p.487-511.

CARNEIRO, S. Gênero, raça e ascensão social. *In*: **Revista Estudos Feministas**. v. 3 n. 2, Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

CIAMPA, A. C. Identidade. *In*: LANE, S.T.M.; CODO, W. (Org.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984. cap. 2, p. 58-75.

CHAUÍ, M. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, vol. 24, p. 05-15, set./dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a02>. Acesso em: 25.05.2018.

COSTA, Nayara Tatianna Santos da Costa. A democratização nos cursos de elevado prestígio social na UFPB: acesso e permanência dos estudantes cotistas. 2017. 188 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

COULON, A. **A condição de estudante: a entrada na vida universitária**. Salvador: Edufba, 2008.

COULON, A. O ofício de estudante: a entrada na vida universitária. **Educ. Pesqui.** [online], São Paulo, vol. 43, n. 4, p. 1239-1250, 2017. ISSN 1678-4634. DOI: 10.1590/s1517-9702201710167954. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1517-9702201710167954> . Acesso em: 03/04/2020.

DEMO, P. Pesquisa qualitativa. Busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. **Rev. Latino Am.Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 89-104, abril 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v6n2/13912.pdf> . Acesso em: 30/07/2018.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 1989. Disponível em: http://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf . Acesso: 10.07.2019.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, P. A educação na cidade. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006

GERMANO, Grazielly dos Santos. A universidade como território de resistências: trajetórias socioespaciais de mulheres cotistas do câmpus de Araguaína - UFT.2018. 99f. Dissertação Mestrado em Estudos de Cultura e Território) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território, Araguaína, 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em:
http://www.academia.edu/4405328/GIL_Antonio_Carlos_COMO_ELABORAR_PROJETOS_DE_PESQUISA_Copia. Acesso em: 15.06.2018.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. e. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988, p. 69-82.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Berth, Joice. Empoderamento. São Paulo: Pólen, 2019.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

LEON, M. El empoderamiento en la teoría y práctica del feminismo. In: DEERE, C. D.; LEÓN, M. **Género, propiedad e empoderamiento**: terra, estado y mercado em América Latina. Colômbia: Tercer Mundo Editores e Facultad de Ciencias Humanas, 2002.

MATHIEU, Nicole-Claude. Sexo e Gênero. In: HIRATA, H. [et al] (Orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

Oliveira, Soraia Santos de. Afiliação universitária: trajetórias de estudantes cotistas e não cotistas em cursos de alto prestígio social na Universidade Federal da Bahia / Soraia Santos de Oliveira. – 2017. 162 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2017.

PINTO, C. R. J. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

QUEIROZ, D. M. **Raça, Gênero e educação superior**. 2001. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia. FAGED/UFBA. Salvador. Disponível em: http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2016/01/deocele_mascarenhas_queiroz.pdf. Acesso em: 25.05.2018.

QUEIROZ, D. M. Ações afirmativas na universidade brasileira e acesso de mulheres negras. **Revista Ártemis**, vol. 08, junho 2008, p. 132-145.

QUEIROZ, D. M.; SANTOS, C. M. As Mulheres Negras Brasileiras e o Acesso à Educação Superior. **Revista da FAEEBA** – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 25, n. 45, p. 71-87, jan./abr. 2016.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Grupo Editorial Letramento: Justificando, 2017.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização** – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS, C. **A mulher negra no ensino superior: trajetórias e desafios**. 2012. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, 2013.

Silva, M. L. (2004). O preconceito racial humilha, a humilhação faz sofrer I: reflexões sobre a construção psíquica do sujeito negro. Conselho Federal de Psicologia (Org.), Psicologia e Direitos Humanos: subjetividade e exclusão (pp.217-222). São Paulo: Casa do Psicólogo.

SILVEIRA, Andréia Cardoso. Expectativas, estratégias e alcances de inserção profissional dos estudantes cotistas e não cotistas da Universidade Federal da Bahia (UFBA). 226 f. il. 2016. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador-Brasil, Université Lumière Lyon 2-França., 2016

SOUZA, J. **Ralé Brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

TIBURI, M. **Feminismo em Comum: para todas, todes e todos**. 5ª ed.. Rio de Janeiro, Editora Record (Rosa dos Tempos), 2018.

APÊNDICE I - Cronograma

Nº	DESCRIÇÃO DAS ETAPAS	Março-Abril 2018	Maio-Junho 2018	Julho-Agosto 2018	Setembro-Outubro 2018	Novembro-Dezembro 2018	Março-Abril 2019	Maio-Junho 2019	Julho-Agosto 2019	Setembro-Outubro 2019	Novembro-Dezembro 2019	Março 2020
01	Cumprimento de créditos											
02	Levantamento bibliográfico											
03	Revisão de literatura											
04	Revisão do Projeto de Pesquisa											
05	Coleta de dados											
06	Estado da Arte											
07	Levantamento e análise do quantitativo de cotistas											
08	Organização do roteiro de entrevistas											
09	Redação do trabalho para qualificação											
10	Exame de qualificação											
11	Entrevistas											
12	Tratamento de dados											
13	Revisão / redação final / entrega											
14	Defesa da dissertação											

APÊNDICE II – Roteiro de entrevista

1. Como se deu a escolha desse curso?
2. Como ocorreu a sua preparação para chegar à universidade? Descreva esse trajeto.
3. Conte-me o que o sistema de cotas representa para você.
4. Como foi o seu primeiro contato com a universidade, fale sobre o a recepção dos colegas, funcionários e impressões sobre esse novo espaço e o processo de adaptação.
5. Após o processo de adaptação fale sobre o seu dia a dia na universidade. Em algum momento na universidade você se sentiu discriminada por ser mulher e ou por ser negra? E junto a sua turma, já se sentiu constrangida com algo que tivesse relação com gênero ou cor?
6. E no seu curso, como foi/é a relação com seus colegas do sexo masculino.
7. Quais as principais dificuldades que encontra ou encontrou em manter-se no curso que você escolheu?
8. Conte-me como faz para manter-se no curso e dar conta das demandas acadêmicas e pessoais.
9. Você tem algum apoio da universidade, buscou algum programa de auxílio à permanência, trabalha ou recebe algum tipo de bolsa?
10. Você já se sentiu tratada de forma diferenciada por algum/a professor/a por conta do seu gênero ou cor. Fale sobre isso.
11. Conte-me sobre os momentos mais difíceis vivenciados no decorrer de seu curso.
12. Conte-me sobre os momentos mais prazerosos vivenciados no decorrer de seu curso.
13. Fique a vontade para dizer e acrescentar o que desejar.

ANEXO I: Estado da Arte – pesquisas similares

ESTADO DA ARTE	
ORDEM/ANO	01 - 2008
INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
ÁREA	EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE
NÍVEL	MESTRADO
TÍTULO	MULHER NEGRA PROFESSORA ENTRE A CRISÁLIDA E O BEIJA-FLOR: O INVISÍVEL E O REVELADO, O SILÊNCIO E A ESCRITA DE SI
AUTOR/A	LUCIANA NASCIMENTO DOS SANTOS
ORIENTADOR/A	Ana Célia da Silva
RESUMO	<p>[...] Então, esse estudo aborda a trajetória de vida de uma professora negra do Município de Feira de Santana que faleceu em sala de aula, Luiza Carmo de Jesus. Trata-se de um estudo de base qualitativa, sendo as Histórias de vida a esteira metodológica sobre a qual a pesquisa foi realizada. A perspectiva deste está delineada pela problematização sobre as implicações das experiências de discriminação racial para a trajetória de vida da mulher negra que rompe com o determinismo ocupacional e torna-se professora, questionando-se também sobre as implicações do racismo para a construção do recálque, da subalternização e/ou da reescrita de si à contrapelo deste, sua influência para a manutenção da saúde ou aparecimento das doenças. Com base na triangulação das fontes utilizadas e na análise dos dados a partir da teoria da interpretação, algumas percepções foram possíveis: as narrativas das (os) colaboradoras (es) sobre a trajetória da professora, através das entrevistas e os registros feitos pela professora sobre as atitudes das (os) alunas (os), explicitam sobre as experiências de discriminação interseccional vividas por ela no cotidiano escolar, que nos diz da existência de um racismo, ainda exacerbado entre nós, e que implica em prejuízo para a vida daquelas (es) que sob a sua lógica estão subjugadas (os) pela inferiorização, pela autorrejeição ou pela rejeição do seu assemelhado. Às mulheres negras professoras ainda estão vinculadas representações estereotipadas que as estigmatizam sob a imagem de escrava, animal ou coisa, da feiúra e da incapacidade intelectual.</p> <p>Palavras – chave: mulher negra; professora; racismo; educação; saúde.</p>
ORDEM/ANO	02-2009
INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
ÁREA	POLÍTICAS PÚBLICAS
NÍVEL	MESTRADO
TÍTULO	VAGAS PARA NEGROS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: UMA CAUSA DE POLÍTICAS PÚBLICAS NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
AUTOR/A	SONIA MARIA FREITAS DE CERQUEIRA
ORIENTADOR/A	Leliana Santos de Sousa
RESUMO	<p>O ponto de partida foi tentar compreender o sistema relacional das ações afirmativas para negros como política institucional, a gênese da institucionalização da UNEB e seu papel no Sistema Estadual de Educação Superior assim como a causa das reivindicações do negro por políticas públicas de ações afirmativas. A partir dessa compreensão, analisar o Ato Normativo que instituiu o mencionado Sistema e o Plano de Desenvolvimento Institucional para identificar sua constituição como política institucional, definida nos documentos e/ou instrumentos que orientam as atividades nos planos administrativos e acadêmicos. Do ponto de vista metodológico, o estudo enquadrou-se no campo da investigação qualitativa, através da abordagem estudo de caso, no âmbito da Administração Superior e no período 2002-2006, UNEB, Campus I, Salvador-Bahia-Brasil. Esta investigação, subsidiada por reflexões teóricas e históricas, significa um contributo às políticas sociais de ações afirmativas, à consolidação do Sistema de Reserva de Vagas na UNEB e subsídios à Secretaria Estadual da Educação (SEC) e à Universidade do Estado da Bahia (UNEB) para proposição ou encaminhamento das questões do negro como políticas públicas. Contribui também para o fortalecimento da linha de pesquisa Políticas Públicas do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Políticas Públicas, Gestão do Conhecimento e Desenvolvimento Regional do Departamento de Ciências Humanas (DCH) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).</p> <p>Palavras-chave: Políticas Públicas e Sociais. Ações afirmativas. Reserva de vagas para negros. Educação Superior.</p>
ORDEM/ANO	03-2012
INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
ÁREA	EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE
NÍVEL	MESTRADO

TÍTULO	A MULHER NEGRA NO ENSINO SUPERIOR: TRAJETÓRIAS E DESAFIOS
AUTOR/A	CARLINDA MOREIRA DOS SANTOS
ORIENTADOR/A	DELCELE MASCARENHAS QUEIROZ
RESUMO	<p>Este trabalho buscou compreender o que representou a política de cotas raciais para as mulheres negras que lograram ingressar em cursos de elevado prestígio social na Universidade Federal da Bahia, tomando como recorte comparativo os anos de 2006 e 2010. Os resultados evidenciam que os cursos de alto prestígio da Instituição, em que pese o aumento da participação de mulheres negras, permanecem representados predominantemente por estudantes brancos/as. A desigualdade também se verifica através de elementos que interferem no desempenho acadêmico anterior ao processo seletivo vestibular, que apontam as mulheres negras sobreviventes de um processo de superseleção em função de seu pertencimento racial e de sua condição de mulher, quanto mais se aproximam daqueles cursos de perfil masculino. As estratégias de resistência se fazem presentes em todos os aspectos de sua existência, permitindo-as romper com os destinos pré-estabelecidos.</p> <p>Palavras-chave: Mulheres negras. Gênero. Raça. Cotas. Universidade</p>
ORDEM/ANO	04-2012
INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE DIREITO
ÁREA	MESTRADO
NÍVEL	
TÍTULO	POR UMA PERSPECTIVA CRÍTICA DE DIREITOS HUMANOS: O CASO DAS COTAS PARA A POPULAÇÃO NEGRA NO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO
AUTOR/A	CAMILA MAGALHÃES CARVALHO
ORIENTADOR/A	KABENGELE MUNANGA
RESUMO	<p>No presente trabalho, pretendemos realizar um exercício de reflexão sobre duas questões inter-relacionadas que, hoje, são temas de intenso debate jurídico-político em nossa sociedade: o papel dos direitos humanos na dinâmica social e as cotas étnico-raciais enquanto políticas afirmativas de inclusão do segmento negro ou afrodescendente. Nessa perspectiva, impende desenvolver uma análise crítica do processo de construção das relações entre brancos e negros no Brasil, fortemente marcado por atitudes e práticas discriminatórias, nas esferas pública e privada, contra a população negra, que permanece excluída do gozo efetivo dos direitos fundamentais, buscando perceber de que maneira o racismo condiciona as desigualdades entre brancos e negros no Brasil. Destaca-se, nesse processo, a própria memória do período escravagista, o ideal do branqueamento da elite brasileira do fim do século XIX, o racismo científico, a miscigenação e o mito da democracia racial. Por meio de um diálogo introdutório com a teoria crítica de Axel Honneth sobre a luta por reconhecimento, sugere-se que o processo de formação da sociedade brasileira, dentro do qual essas relações raciais hierarquizadas se manifestam, afetou negativamente na construção das identidades individual e coletiva dos negros, violando a dignidade desses indivíduos, haja vista o potencial das experiências de desrespeito social, como a exclusão, a privação de direitos e a desvalorização social, sofridas pela população negra, de atingirem afetivamente os sujeitos, no âmbito das suas formas de autorrealização.</p> <p>Palavras-chave: Direitos humanos. Discriminação racial. Ensino público. Ensino superior. Racismo. Teoria crítica. Universidade pública.</p>
ORDEM/ANO	05-2016
INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
ÁREA	EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE
NÍVEL	MESTRADO
TÍTULO	ESTUDANTES COTISTAS EM CURSO DE ALTO PRESTÍGIO SOCIAL DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA: PERCEPÇÕES, ENFRENTAMENTOS E SUPERAÇÕES
AUTOR/A	VANDEILTON TRINDADE SANTANA
ORIENTADOR/A	DELCELE MASCARENHAS QUEIROZ
RESUMO	<p>Este trabalho buscou analisar o trajeto de estudantes cotistas em cursos de alto prestígio social da Universidade do Estado da Bahia. Procurou compreender como se deu o trânsito desses estudantes, quais caminhos percorreram para chegar à universidade, buscando identificar os aspectos e as estratégias que favoreceram e/ou dificultaram o acesso desses estudantes aos cursos escolhidos. Para os procedimentos de pesquisa, tomei como base o aporte metodológico da pesquisa qualitativa, utilizando a entrevista semi-estruturada para conhecer e analisar o trajeto desses estudantes desde a escolarização na educação básica até acessar o ensino superior. A investigação revelou que o trajeto feito pelos estudantes cotistas foi marcado por inúmeras histórias de dificuldades, frente os quais, a política de ações afirmativas emergiu como medida que proporcionou oportunidade de superação. Assim, o que evidenciou a pesquisa é que a Política de Ação Afirmativa além de permitir, objetivamente, o acesso desses estudantes à</p>

	universidade, potencializou as táticas criadas para subverter as dificuldades, permitindo vencer o medo, o preconceito e, conseqüentemente a exclusão, que possivelmente decorreria do processo seletivo convencional. Desse modo, a pesquisa poderá contribuir para o avanço do debate em torno da temática e para a análise da pertinência da Política de Ação Afirmativa. Palavras-Chave: Ações Afirmativas. Educação Superior. Desigualdades. Trajeto.
ORDEM/ANO	06-2016
INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ÁREA	EDUCAÇÃO
NÍVEL	DOUTORADO
TÍTULO	EXPECTATIVAS, ESTRATÉGIAS E ALCANCES DE INSERÇÃO PROFISSIONAL DOS ESTUDANTES COTISTAS E NÃO COTISTAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
AUTOR/A	ANDREIA CARDOSO SILVEIRA
ORIENTADOR/A	ROBINSON MOREIRA TENORIO
RESUMO	A política de cotas tem se revelado um importante instrumento de democratização do acesso ao ensino superior à medida que tem permitido que segmentos, historicamente excluídos, em especial a população negra, possam ingressar na universidade. Todavia, tendo em vista os treze anos de sua implementação, outros resultados merecem ser averiguados. Diante disso é que foi proposta esta tese de doutorado, cujo objetivo foi analisar as expectativas, estratégias e alcances de inserção profissional dos cotistas e não cotistas da Universidade Federal da Bahia - UFBA. Para isso, foi realizada uma pesquisa de natureza quantitativa, através da qual buscou-se, num primeiro momento, a aplicação de um questionário com 290 estudantes (não cotistas, cotistas pretos ou pardos e cotistas de qualquer etnia ou cor), formandos – 2014.2, em 16 cursos de maior e menor escore no vestibular 2005 da UFBA. Ao completar nove meses de conclusão do curso de graduação, esses indivíduos foram novamente convidados a responder um segundo questionário. Participaram desse segundo momento 140 egressos. O primeiro questionário coletou informações quanto às expectativas e estratégias previstas de inserção profissional. Já o segundo, coletou dados de alcances e estratégias reais de inserção profissional. [...]. Tais resultados apontam impactos positivos da Política de Cotas no ensino superior, pois, para além da ampliação do acesso à universidade, essa política tem permitido que a população negra possa aspirar a um futuro profissional não menos promissor do que é esperado por outros grupos étnico-raciais, bem como tem impulsionado importantes transformações no mercado de trabalho brasileiro que até os dias atuais ainda exclui e/ou desvaloriza os negros. Palavras chaves: Política de cotas. Inserção profissional. Expectativas. Estratégias. Alcances.
ORDEM/ANO	07-2016
INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
ÁREA	POLÍTICAS PÚBLICAS
NÍVEL	MESTRADO
TÍTULO	COTISTAS E NÃO COTISTAS: QUAL O DESEMPENHO DOS ALUNOS DO IFMT?
AUTOR/A	LENIEZIA CASSIA DUARTE DA SILVA FERNANDES
ORIENTADOR/A	DALSON BRITTO FIGUEIREDO FILHO
RESUMO	As cotas nas Universidades e Institutos Federais têm causado muita polêmica, mesmo com a sanção da Lei nº 12.711 de 2012 (Lei de Cotas). Diante desta circunstância, este trabalho analisa o desempenho dos alunos cotistas e não cotistas dos cursos Técnicos Subsequentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT). Para tanto, apresentamos uma contextualização de aspectos referentes à política de ação afirmativa em outros países e no Brasil, assim como em relação à elaboração e implementação de Políticas Públicas. O banco de dados com resultados de todos os ingressantes no período de 2013 no Campus Cuiabá permitiu análises com o gênero, a raça, a renda e a idade. Alguns dos resultados observados, tais como etnia, mostraram que 64,10 % do total de alunos dos cursos são negros, e em relação a idade constaram em maior predominância os alunos entre 19 a 30 anos. Não houve diferença significativa em relação ao coeficiente de rendimento desses alunos quando comparados, o que mais uma vez descarta a ideia dos críticos em relação ao sistema de cotas. Palavras Chaves: Ação afirmativa. Desempenho. Cotistas e não cotistas.
ORDEM/ANO	08-2017
INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ÁREA	EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E PRÁXIS PEDAGÓGICA
NÍVEL	MESTRADO
TÍTULO	AFILIAÇÃO UNIVERSITÁRIA: TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES COTISTAS E NÃO COTISTAS EM CURSOS DE ALTO PRESTÍGIO SOCIAL NA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

**AUTORA/A
ORIENTADOR/A**SORAIA SANTOS DE OLIVEIRA
DORA LEAL ROSA**RESUMO**

O presente estudo tem como objetivo central analisar o processo de afiliação universitária dos estudantes cotistas e não cotistas nos cursos de Medicina e Direito da Universidade Federal da Bahia. Dessa forma, buscamos conhecer a trajetória universitária dos estudantes ao longo do seu processo de afiliação, identificamos e analisamos as dificuldades e estratégias de superação dos estudantes durante o processo de afiliação, assim como as diferenças e semelhanças desse processo para os estudantes cotistas e não cotistas. Portanto, estabelecemos relações entre a posição socioeconômica e capital cultural com o processo de afiliação universitária de modo que temos como base teórica para tratar de afiliação universitária os estudos de Alain Coulon e para compreender os fatores referentes ao capital cultural, social e econômico a teoria de Pierre Bourdieu. Trata-se de uma pesquisa na perspectiva qualitativa, um estudo de caso, na qual foram realizadas entrevistas semi- estruturadas com 17 estudantes no total. O instrumento de coleta de dados foi elaborado à luz dos objetivos do estudo e considerando os tempos da afiliação universitária conforme a base teoria de Alain Coulon. Para as análises, as entrevistas foram transcritas na íntegra tendo o cuidado de manter o texto fiel a linguagem dos estudantes e em seguida procedemos com a análise de conteúdo. Os estudantes que ingressam na universidade adentram a uma nova fase de vida, em um ambiente diferenciado, e para os estudantes de origem popular, que em muitos casos são os primeiros da família a terem acesso ao ensino superior, uma realidade que não era cogitada para os membros dessa classe. A afiliação preocupa-se com a trajetória dos estudantes no âmbito acadêmico em cada etapa da vida estudantil, ou seja, a entrada na universidade e como os estudantes lidam e adaptam-se as novas demandas para tornarem-se afiliados a instituição, tornarem-se membros. Os resultados da pesquisa se aproximam dos estudos realizados por outros pesquisadores com estudantes cotistas, ao mesmo tempo que aponta achados quanto a trajetória universitária de estudantes de diferentes origens sociais. O processo de afiliação universitária dos estudantes cotistas e não cotistas nos cursos investigados, de fato, são diferentes, tendo em vista os fatores econômicos, sociais e raciais. Encontramos a existência de um tempo de estranhamento e da aprendizagem do ofício universitário para todos os estudantes que ingressam na universidade, mas o estranhamento é mais longo e as aprendizagens mais difíceis para os estudantes cotistas, tendo em vista que o capital cultural, social e econômico desde a entrada na universidade até o momento da afiliação são fatores que estão imbricados na condição de vida estudantil. Desse modo, essa investigação tende a colaborar com os estudos no campo da afiliação universitária, bem como as discussões sobre assistência estudantil e permanência de estudantes na universidade, além de sugestões suscitadas pelo estudo em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Afiliação universitária; Cotas; Equidade.

ORDEM/ANO**09-2017****INSTITUIÇÃO
ÁREA
NÍVEL**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (JOÃO PESSOA)
EDUCAÇÃO
DOUTORADO**TÍTULO**

A DEMOCRATIZAÇÃO NOS CURSOS DE ELEVADO PRESTÍGIO SOCIAL NA UFPB: Acesso e Permanência dos Estudantes Cotistas

AUTORA/A

NAYARA TATIANNA SANTOS DA COSTA

ORIENTADOR/A

WILSON HONORATO ARAGAO

RESUMO

A pesquisa em tela reitera a responsabilidade da universidade no processo de democratização dos Cursos de Elevado Prestígio Social, e as reflexões sobre os mecanismos de permanência a partir dos cotistas beneficiários. Tem como pressuposto, que as escolhas dos estudantes ainda se dão muito em função de seu capital cultural, do habitus de um grupo social e das suas probabilidades de êxito futuro, bem como da estrutura geral do sistema de ensino. Teve como objetivo analisar a política de cotas na UFPB quanto à democratização do acesso e a permanência dos cotistas nos cursos de elevado prestígio social do campus I da UFPB. Inscreveu-se numa abordagem quanti-qualitativa de pesquisa, cuja investigação partiu do olhar sobre o acesso, a partir dos indicadores de matrículas nos CEPS e CBPS de 2011-2015 analisados por meio do software SPSS, que apontou uma concentração maior de estudantes respectivamente em pedagogia, direito, medicina, eng. civil, nutrição e física. Sobre a permanência, buscou-se compreender as nuances de desempenho dos cotistas através dos CRAs, além das suas trajetórias, origens sociais e dos mecanismos de assistência estudantil oferecidos pela UFPB a partir do olhar dos estudantes cotistas dos CEPS, utilizando-se das entrevistas semi-estruturadas e da análise temática de conteúdo de Bardin. Pautou-se nos conceitos de capital cultural, campo e habitus em Bourdieu, e discutiu a democratização considerando o acesso, a permanência e o conceito de qualidade social em Educação. Defendeu que a democratização da educação superior pública se deu prioritariamente via carreiras consideradas como de menor prestígio social, e pela área de humanidades em particular, embora o estudo reconheça o papel da Lei de cotas na reconfiguração do perfil dos estudantes presentes nos

	<p> cursos de maior prestígio. Palavras-Chave: Democratização; Educação Superior; Acesso; Permanência.</p>
ORDEM/ANO	10-2018
INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
ÁREA	ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DE CULTURA E TERRITÓRIO
NÍVEL	MESTRADO
TÍTULO	A UNIVERSIDADE COMO TERRITÓRIO DE RESISTÊNCIAS: TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS DE MULHERES COTISTAS DO CÂMPUS DE ARAGUAÍNA - UFT
AUTOR/A	GRAZIELLY DOS SANTOS GERMANO
ORIENTADOR/A	KENIA GONCALVES COSTA
RESUMO	<p>A universidade enquanto território é compreendida como um espaço de subjetividades, individuais e coletivas, onde manifestam-se as contraposições hegemônicas e dominantes historicamente construídas, tornando-se cenário de resistências, dentre as quais, as mulheres enquanto grupo social minoritário enfrentam cotidianamente no ensino superior. Tendo em vista essa perspectiva, esse estudo buscou compreender empiricamente as dificuldades vivenciadas pelas estudantes cotistas da Universidade Federal do Tocantins - Campus de Araguaína, para isso foi realizada uma discussão teórico-metodológica e interdisciplinar, pautada nos estudos de gênero sob a perspectiva feminista decolonial com o propósito de articulá-la às trajetórias socioespaciais dessas estudantes. Observa-se que as mulheres estudantes cotistas, mulheres negras, mulheres quilombolas e mulheres indígenas, enfrentam muitos obstáculos para finalizar os cursos de graduação, dificuldades alicerçadas culturalmente por meio das relações de poder que envolvem questões de gênero, étnico- raciais e classe, entrelaçadas às condições estruturais que o processo de colonização construiu. Contraditoriamente, esse espaço se apresenta como de fortalecimento enquanto grupo e lugar social e uma oportunidade para melhores condições de vida.</p> <p>Palavras-Chave: Universidade; Trajetórias socioespaciais; Ações Afirmativas; Mulheres.</p>

Fonte: Elaborado pela autora, 2019